

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA LORETO

**REFLEXÃO SOBRE PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ESTUDO
DE CASO EM 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PORTO ALEGRE

2019

MARIA APARECIDA LORETO

**REFLEXÃO SOBRE PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ESTUDO
DE CASO EM 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Carmen Lucia Bezerra Machado

PORTO ALEGRE
2019

RESUMO

INTRODUÇÃO: Tendo a garantia dada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a Educação Financeira não é um tema *sui generis*, é um assunto incluído entre os temas transversais e que vem sendo discutido há algum tempo, em vários Estados do Brasil e em muitas escolas. Não considero nada fácil narrar essas vivências do Estágio obrigatório ocorrido em um 5º ano do Ensino Fundamental, a Educação financeira realizada e aqui narrada, pois, na maior parte das salas de aula, é um assunto que inexistente. Educar financeiramente pode ser uma estratégia de empoderamento dos alunos e alunas que são os mediadores entre seus conhecimentos e aqueles da realidade das comunidades.

PROBLEMA: Que práticas de Educação Financeira são possíveis de serem realizadas no âmbito escolar, no quinto ano do Ensino Fundamental, na relação com o referencial de Leonardo Boff. **OBJETIVOS:** buscar refletir como pedagoga as práticas da professora - estagiária, e verificar se essas práticas vão ao encontro das instâncias enunciadas por BOFF (2010), bem como às recomendações da BNCC (2017); Construir sugestões que orientem atividades a partir das experiências vivenciadas. **METODOLOGIA:** A proposta foi desenvolvida como estudo de caso, por ter sido elaborado a partir de dados coletados como: leituras, diálogos e atividades na escola na qual realizei o Estágio. Narrar como se desenvolveu em sala de aula esse projeto; como o imaginei; como aconteceu; como os alunos reagiram sobre o tema; o que acharam das atividades desenvolvidas durante as aulas sobre educação financeira; como se consolidou a aprendizagem sobre esse assunto.

RESULTADOS ESPERADOS: Com esta pesquisa, espera-se refletir sobre as práticas de educação financeira com algumas perguntas que auxiliam a desencadear o como os fatos e atos ocorreram em sala de aula com os alunos e o projeto, a fim de identificar as potencialidades e as fragilidades das mesmas, podendo contribuir para a promoção de uma ENAF mais consistente e que possa ser transformadora para a cidadania.

LISTAS DE SIGLAS e DE FIGURAS

SIGLAS

BACEN – Banco Central

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CDC – Código de Defesa do Consumidor

CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira

COREMEC – Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização

DEPEF – Departamento de Educação Financeira do Banco Central do Brasil

DEPEF – Departamento de Educação Financeira do Banco Central do Brasil

ENAF – Programa Educação Financeira nas Escolas

ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira

CDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONG – Organização Não Governamental

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FIGURAS

- Figura 1 – Confecção de cofres – p. 35
- Figura 2 – Desejos e Necessidades – p. 37
- Figura 3 – História do dinheiro – p. 40
- Figura 4 – Lei do Troco – p. 41
- Figura 5 – Consumo e consumismo – p 35
- Figura 6 – Feira de Escambo – p. 46
- Figura 7 – Consumo consciente – p.51
- Figura 8 – Bancários e Educação Financeira – p. 55
- Figura 9 – Efeitos Educação Financeira – p. 58

SUMÁRIO

LISTAS DE SIGLAS e DE FIGURAS	4
SIGLAS.....	4
FIGURAS	4
1 INTRODUÇÃO	7
2 O que é Educação Financeira?	13
3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NUMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	19
3.1 O ESTÁGIO	23
3.2 INTRODUZINDO AO ASSUNTO JUNTO À TURMA	24
3.3 PLANEJAMENTO	26
Plano de aula I	27
Plano de aula II	28
Plano de aula III	29
Plano de aula IV	30
Plano de aula V	30
Plano de aula VI	30
Plano de aula VII	31
3.4 DAS ATIVIDADES REALIZADAS	31
Atividade: Conhecendo a conta de luz/ confecção um cofre	31
Atividade Desejos X Necessidades	35
Atividades Função do dinheiro e seu valor/ História do dinheiro.....	39
Atividade Propaganda e Consumo	43
Atividade Feira de Escambo	47
Atividade Os Cincos Rs do Consumo Consciente	49

Atividade Palestra do Banco do Brasil.....	53
3.5 DAS PERCEPÇÕES E DOS EFEITOS	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Nesse trabalho de conclusão apresento projeto sobre Educação Financeira, realizado durante o Estágio obrigatório, ocorrido em um 5º ano do Ensino Fundamental. Além das atividades mais relevantes sobre o tema realizados por mim, em sala de aula como estagiária, durante esse período, não considero nada fácil narrar essas vivências. Primeiro, porque é um assunto que, apesar de estar incluído entre os temas transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não é trabalhado em sala de aula. Não é um tema *sui generis*, é um assunto que já vem sendo discutido há algum tempo, em vários Estados do Brasil e em muitas escolas. Contudo, ainda, na maior parte delas, esse conteúdo não faz parte dos assuntos trabalhados em sala de aula.

Dessa maneira, a proposta é narrar como se desenvolveu em sala de aula esse projeto: como o imaginei; como realmente aconteceu; como os alunos reagiram sobre o tema; o que acharam das atividades desenvolvidas durante as aulas sobre educação financeira; como se consolidou a aprendizagem sobre esse assunto. São apenas algumas perguntas que auxiliam a desencadear o como os fatos e atos ocorreram em sala de aula com os alunos e o projeto.

O projeto sobre Educação Financeira não foi escolhido pelos alunos, e sim por mim. A escolha em trabalhar com esse tema junto aos alunos deve-se ao fato de querer primar por conteúdos que fizessem parte do cotidiano dos alunos. Queria que desenvolvessem um conhecimento diferente daqueles que estão habituados em sala de aula, que fosse útil para suas vidas, e que não precisassem decorar nada. Muitas vezes, para isso, precisamos tentar romper com o currículo já pronto e institucionalizado dentro da escola. Essa questão de currículo sempre está presente em sala de aula e tem uma relação muito forte com o tempo decorrido nela.

A gestão de tempo é um fator determinante para quem está em sala de aula. Existe um currículo a ser cumprido. Há conteúdos que precisam ser dados, mas se quisermos inventar novos paradigmas precisamos quebrar com essa lista de conteúdos

prontos que precisam ser assimilados e partir para novos horizontes. O currículo afeta toda nossa vivência na sala de aula, ele conduz normas, padrões e avaliações. Compõem o que vamos aprender - ensinar e todo o processo que percorremos e vamos percorrer para ensinar e educar. Contudo, precisamos olhá-lo de forma inovadora, já que os conceitos dos planejamentos, na maioria das vezes, não mudam. Estimular os alunos e procurar por algo que os atraia, pois a memória que se formará com o aprendizado desse conteúdo será menor ou maior, conforme o ensino for administrado pelo professor, é necessário.

Quando me entregaram a lista de conteúdos, isso me incomodou, pensei: “Poxa, isso não é legal!” Mas o que vou fazer no lugar desses conteúdos? O que posso fazer de diferente? Não sei se consegui fazer a diferença, pois muitas vezes foi me colocado (durante o estágio), que eu não estava fugindo dos métodos tradicionais. Aquilo me frustrava, e muito. Porém, tentei fazer materiais e planejamentos relevantes para os alunos, fugir de conteúdos já mastigados e digeridos dentro do tempo disponível que tinha.

Planejar não é uma tarefa fácil, requer tempo, estudo e dedicação. O problema é o fator tempo: o tempo em uma sala de aula é alucinante, passa muito rápido. A administração do tempo torna-se essencial, pois, existe tempo para perguntar, existe tempo para falar, existe tempo para copiar, tempo para calar. Tentei fugir do tempo prescrito para não ser uma mera executora de atividades e busquei ressignificar meu papel como mediadora dentro da sala de aula. Para isso, foi preciso escutar os alunos, ouvi-los em suas frustrações perante a uma escola que para eles se torna quadrada, num currículo que não é atrativo e que não aguça ou atende a sua curiosidade. Mas não há tempo, o conteúdo é exigido por todos, pais, professores. Todo mundo quer seu tempo e seus filhos com cadernos cheios. Cheios de saberes, mas saberes de quê?

Romper com a lógica dominante do currículo em sala de aula é uma tarefa árdua. Principalmente por que os alunos estão acostumados a serem simples copistas. Fica muito difícil compartilhar com eles uma troca emancipatória na qual podem e devem questionar o professor sobre suas dúvidas. Porém, eles não entendiam que uma sala de

aula pode ser mais que um quadro negro, o giz e cabeças baixas escutando uma só voz ressonante, o tempo todo, dentro da sala. Uma das minhas propostas, quando cheguei à sala de aula, era tentar romper com esse hábito. Isso causou estranhamento nos alunos. Menos quadro, mais discussões, menos copia e mais pensar, criticar e observar. Usar as emoções e as vivências dos alunos como ferramentas para aprendizagem. Fazer o aluno se emocionar, falar das suas experiências e gerar pensamentos positivos que criam situações é que levam à aprendizagem. Diz Iván Izquierdo *quanto mais emoção contenha determinado evento, mais ele será gravado no cérebro*.

Os alunos tentam trazer suas descobertas para a sala de aula, colocar suas curiosidades que vão além do que lhes é apresentado. Intentam mostrar sua autonomia em relação a algum assunto que dominam, que os inspira, que viram ou ouviram na internet. Querem espaço para falar sobre essas conectividades, sobre suas postagens e o espaço para isso, é a escola. Todavia, não há tempo. A escola se organiza de tal forma que não permite o deixar o aluno expressar-se livremente, ou, debater com eles seus questionamentos e suas dúvidas, como coloca Phillipe Peround (2001) perderíamos o *fio condutor* e no final do período estaríamos muito longe da nossa proposta inicial. Contudo, ao permitirmos essa comunicação estaríamos entendendo os processos sociais que envolvem esse aluno, seu cotidiano, suas expectativas e frustrações a respeito da aprendizagem. Talvez conseguíssemos identificar os principais problemas da realidade social vivida por esse aluno. Assim, poderíamos transformar os conteúdos da prática pedagógica em questões problematizadoras para serem discutidas e vivenciadas, em sala de aula, e fora dela.

Durante o estágio procurei não ignorar nenhuma pergunta ou assunto trazido pelos alunos para sala de aula e sofri algumas críticas por isso. Tentava não dar as respostas, mas provocá-los a procurá-las. Pois, a construção da autonomia e do sujeito histórico é, para mim, muito mais importante que qualquer conteúdo.

Segundo KAMII, (1986, p. 120) *crianças encorajadas a pensar ativa, crítica e autonomamente aprendem mais do que as que são levadas a obter apenas competências*

mínimas. Na academia se estuda tanto práticas diferenciadas e no entanto o que fazemos é simplesmente repetir práticas delimitadoras dentro da sala de aula. Não encorajando os alunos a fazer perguntas e quando o fazem, se esse fugir do assunto que está sendo proposto, não será respondido, no máximo diremos que a pergunta é muito interessante, mas não para aquele momento. Porém, o aluno muitas vezes perde o estímulo com tal resposta. Perrenoud (2001 p. 67) afirma:

o professor pretende ter o privilégio de impor o silêncio e de rompê-lo, de dizer, quem deve falar e quem deve calar-se, quando e por quê. No entanto, se abusar desse, os alunos esquecem-se, do que queriam dizer e desinteressam-se de uma conversa que não deixa nenhum espaço para a “improvisação” a desordem, a iniciativa, as pessoas. No máximo, darão as respostas apropriadas, aquela que o professor espera para que a aula possa continuar, sem prazer, sem envolvimento, sem alma e, portanto sem aprendizagem.

Concordo que os alunos não podem estudar somente o que eles querem, e que não podemos desprezar o conhecimento mínimo que precisam ser alcançados, mas, eles também não podem fazer somente o que queremos, o tempo todo. Cognitivamente, tentamos inserir, durante uma aula, muitos conhecimentos para que o aluno acumule conteúdo e depois possamos fazer uma avaliação. Se esse conhecimento vai ser retido na memória de longo prazo e se vai recuperar essa informação quando for necessário, não há garantia. Se o aluno não prestar atenção, não achar relevante aquele conteúdo dado, e, se o professor não conseguir planejar uma aula de modo assegurar que os alunos pensem sobre os conceitos explicitados, então não foi, nem será, significativo, não há envolvimento do aluno sobre o conteúdo.

Segundo Daniel T. Willingham (2009) *o vínculo emocional entre alunos e professor – para bem ou para o mal – influencia na aprendizagem* e coloca ainda o autor que um professor metódico *brilhante* é visto muitas vezes como um chato, e não será

eficiente. E um professor muito empático, mas com aulas mal planejadas também não será positivo para a turma. Argumenta ainda que bons professores têm as duas qualidades e que são capazes de ligar-se pessoalmente aos seus alunos e organizar seus planos de aula de maneira a torná-los interessantes e de fácil entendimento.

Ao interagir com os alunos descobri que cada um não chega ao mesmo ponto ao mesmo tempo. Não pode haver uma padronização. Não tem que chegar junto ao mesmo entendimento, pois, cada pessoa vai atingir um nível de compreensão diferente sobre aquele assunto e assimilá-lo de outra forma, em ritmo próprio e tempos diversos.

Assim, tentei filtrar todas as informações da turma e criar uma rede de conexões com eles. Fomos juntos tecendo ideias. Apropriei-me da ideia do - *conhecimento pertinente*, de Edgar Morin, no qual não queria fragmentar os conhecimentos, mas mostrar aos alunos que tudo está interligado dentro da aprendizagem. Pois, ao propor o tema da educação financeira aos alunos, esses iriam trabalhar no projeto com uma multidimensionalidade de informações, que iriam desafiá-los a repensar as práticas do seu dia a dia – esse é objetivo pedagógico da proposta.

O projeto foi proposto após algumas semanas de observação da turma, na qual percebi que os alunos queriam sempre comprar alguma coisa e tinham muita dificuldade em guardar seu dinheiro. Essa justificativa me levou a querer promover o conhecimento sobre a temática.

O princípio pedagógico que foi trabalhado era o de ampliar a compreensão dos alunos em relação ao consumo e a sustentabilidade e que fossem capazes de fazer suas escolhas. O projeto, dentro do possível, tentou chamar a atenção do aluno para a importância do planejamento financeiro a fim de que esse aluno-consumidor desenvolva uma relação equilibrada com o dinheiro e adote boas decisões sobre finanças e consumo.

Conscientizar os alunos quanto aos fatores internos e externos que influenciam suas escolhas, a educação financeira pode ajudar a equilibrar as necessidades e os desejos de consumo com os objetivos de longo prazo. Melhorar o desempenho de

cada cidadão em sua vida financeira, por sua vez, contribui para o bem-estar coletivo porque cada pessoa estará em melhores condições para lidar com vicissitudes e momentos difíceis da vida. (BACEN, 2011).

Ao colocar em prática o projeto, meus objetivos eram: Promover o conhecimento sobre a temática proposta. Perceber a importância do estudo da educação financeira preparando os alunos para vida adulta com qualidade de vida e financeiramente saudável. Compreender desde cedo qual é a importância de trabalhar com consumo consciente. Proporcionar aos alunos conhecimentos mínimos para que possam se organizar administrativamente em suas decisões ao longo da vida, além de tornarem-se consumidores mais conscientes. Esperava que os alunos conseguissem utilizar essas informações para uso de planejamento pessoal e familiar, e que ao lidar com conceitos financeiros no dia a dia, planejando suas escolhas através de um consumo consciente e refletido que os recursos naturais são finitos, possibilitaria que esses tornarem-se multiplicadores desses mesmos conceitos em suas comunidades.

A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos foi a pesquisa bibliográfica. Fiz uma pesquisa sobre os trabalhos acadêmicos já produzidos sobre a temática, trabalhos de conclusão, artigos e textos, quase todos produzidos nos cursos de administração, economia, matemática e pedagogia. Todos esses trabalhos estão disponíveis na Internet, lugar que foi minha fonte de pesquisa. Apesar de serem áreas diferentes as propostas eram: trazer a tona a importância de se trabalhar com educação financeira e o porquê. Alguns dos trabalhos tinham uma proposta mais interdisciplinar e trouxeram outros conceitos interligados ao tema como: consumo sustentável, reciclagem, orçamento doméstico, ética nas relações de consumo (direito do consumidor) e meio ambiente.

Esse conjunto de obras deu fundamentação ao meu projeto, serviram como suporte para poder trabalhar em sala de aula com o tema e criar estratégias para colocar em prática as atividades que essas propunham em suas pesquisas.

Esse era o cenário no qual me encontrava ao iniciar o estágio. Dessa forma, comecei a colocar em prática o projeto. Entretanto, aprendi que uma sala de aula é cheia de surpresas. Planejamos, ensaiamos, contudo muitas vezes o ritmo e o desenrolar dos acontecimentos não são como os imaginávamos. Os objetivos mudam, as perguntas se tornam outras e não sei se sei respondê-las, ainda agora.

Aprendi a ser maleável, e que a Matética, termo cunhado por Jan Amos Komensky (1592-1670), considerado o pai da didática moderna, é a ciência da aprendizagem, em contrapartida à didática que é a ciência do ensino, é complexa. Mas a escola também o é.

2 O que é Educação Financeira?

Segundo Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico, a OCDE (2005), uma organização internacional, composta por 34 países e com sede em Paris, França, e tem por objetivo promover políticas que visem o desenvolvimento econômico e o bem-estar social de pessoas por todo o mundo, educação financeira é.

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro. (OCDE, 2005)

A Educação Financeira tem uma denominação ampla e não podemos restringi-la somente à gestão de finanças pessoais ou a ideia de economizar. É mais que economizar ou lidar com as despesas e a receita ao final do mês. Educação Financeira também é trabalhar com comportamentos, mudanças de hábitos e um jeito de ser e estar no mundo. O ser humano muitas vezes comporta-se de forma individualista, porém ele

não está sozinho no mundo, o que afeta uma pessoa, afeta todas as outras. Presente, passado e futuro misturam-se, o que *permitirá perceber o presente não somente como fruto de decisões tomadas no passado, mas também como o tempo em que se tomam certas iniciativas cujas consequências e resultados – positivos e negativos – serão colhidos no futuro* (ENEF, 2010, p.3).

O que fizemos no passado reflete no nosso futuro, então talvez possamos pensar melhor o presente e modificá-lo com atitudes mais conscientes em relação ao uso do dinheiro, a viver melhor e por mais tempo.

As pessoas quando pensam em educação financeira, muitas vezes, não a associam a educação ambiental, porém educação ambiental está diretamente ligada ao conceito de educação financeira. Pois educação financeira também tem a ver com preservação, sustentabilidade, consumidor consciente, reciclagem entre outros assuntos. Todos esses temas proporcionam uma articulação possível de se trabalhar em sala de aula, podemos motivar e sensibilizar os alunos para desenvolver estratégias educativas dentro e fora da escola, sobre sermos cidadãos mais críticos e conscientes sobre nossas escolhas e como essas afetam nosso futuro. As finanças e o meio ambiente têm característica em comum: ambos são finitos. Se não soubermos usar o nosso dinheiro ele acaba, se não soubermos lidar com os recursos da natureza, ela também acaba. Heloísa Padilha (2016) coloca que *Educação Financeira na verdade precisa de uma base toda de comportamentos sobre os quais os conhecimentos financeiros são assentando aos poucos*. Ainda argumenta que é importante plantar as bases desenvolvendo certos comportamentos como: organizar, cuidar - num sentido de dimensão de futuro - cuidar das coisas, dos animais, das pessoas, e reduzir consumismo. *São cuidados que precisamos ter para aplicações financeiras de longo prazo*.

Estamos todos interconectados no planeta, por tal motivo deveríamos pensar nas nossas escolhas, pois, nossas decisões têm impactos positivos e negativos, seja no planejamento financeiro pessoal, no meio ambiente ou em algum outro lugar do planeta. Quando decidimos fazer uma festa de aniversário, a primeira coisa que pensamos é em

praticidade, então compramos pratinhos, copinhos, garfinhos, tudo descartável. Mas, que preço a natureza paga por essa praticidade? Fizemos o descarte corretamente? Sabemos como será a reciclagem desses produtos? O material utilizado nesses produtos é biodegradável? Além disso, a reciclagem desses plásticos descartáveis é pouco viável economicamente, já que eles são leves e em geral descartados sujos, o que faz com que sua higienização para a reciclagem encareça o processo, além de gastar muita água.

Educação Financeira é repensar nosso cotidiano e mudar hábitos que muitas vezes não nos damos conta. É aprendermos a ser consumidores mais conscientes em relação ao que compramos. Notório que a maior parte dos seres humanos precisa consumir, mas podemos rever a nossa forma de consumo. Podemos consumir menos, buscando reduzir impactos negativos na natureza. Lembrando que muitas vezes não pensamos sobre a origem do que é comprado. Alimentamos uma cadeia de trabalho escravo contemporâneo, mesmo sem saber. No Brasil, segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT (fonte Ministério do Trabalho) *entre 1995 e 2015, foram libertados 49.816 trabalhadores que estavam em situação análoga à escravidão. Conforme esses dados [...] há cerca de dez anos intensificaram-se as operações de fiscalização em centros urbanos, até que em 2013, pela primeira vez, a maioria dos casos ocorreu em ambiente urbano, principalmente em setores como a construção civil e o de confecções.* Aqui, assim como em outros países, existem empresas que utilizam mão de obra escrava para produção têxtil, para reduzir custos e principalmente os encargos trabalhistas. Conforme a ONG Repórter Brasil empresas comprometidas com o bem estar de seus trabalhadores assinaram o pacto de erradicação do trabalho escravo, obrigando empresas a adotarem critérios mínimos de direitos humanos nas contratações de trabalhadores.

A educação financeira traz essa discussão para sala de aula, traçando um paralelo histórico sobre o trabalho escravo durante a construção do capitalismo e o trabalho análogo à escravidão hoje. Como consumidores podemos influenciar positivamente nessa cadeia de produção ao fazer escolhas de modo responsável e consciente ao irmos às compras.

Conhecendo as empresas das quais vamos comprar, sabendo se aquela marca ou produto promovem condições dignas de trabalho e respeitam o meio ambiente. A ONG Repórter Brasil desenvolveu um aplicativo chamado “*Moda Livre*”: é um app para quem quer consumir de maneira consciente, e não quer sair usando roupas e acessórios feitos por pessoas que tenham sido exploradas. Infelizmente, apesar de muitos saberem que essas empresas se utilizam desse tipo de mão de obra, ignoram a procedência do produto e continuam comprando nessas mesmas lojas. Muitas vezes pessoas de baixa renda não têm condições de se preocupar com a origem dos objetos. Consumo consciente requer educação e informação que nem todo mundo consegue através da escola, atualmente. Entretanto, quando essa informação é trabalhada e divulgada, as pessoas pensam mais na hora da compra. Percebem o poder que tem na hora de fazer suas escolhas cotidianas e que essas influenciam a vida de muita gente.

O programa Educação Financeira nas Escolas (ENAF) propõe explicar o que é Educação Financeira no ambiente escolar utilizando o cotidiano do aluno de forma a despertar uma consciência crítica em relação a ser cidadão, ao uso do dinheiro e a de tomar decisões sustentáveis. Amplia o pensamento e modifica comportamentos através de uma aprendizagem interdisciplinar. Essa aprendizagem interdisciplinar está baseada em alguns conceitos como os de dimensão espacial e temporal.

Na dimensão espacial, os conceitos da Educação Financeira são tratados tomando-se como ponto de partida o impacto das ações individuais sobre o contexto social e vice-versa. Essa dimensão compreende os níveis individual, local, regional, nacional e global, organizados de modo inclusivo. Na dimensão temporal, os conceitos são abordados a partir da noção de que as decisões tomadas no presente podem afetar o futuro. Os espaços são atravessados por essa dimensão que conecta passado, presente e futuro numa cadeia de inter-relacionamentos. (ENEF, 2010, p.3).

Segundo o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), são sete (7) objetivos ligados às dimensões acima:

Formar para a cidadania;

Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável;

Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude;

Formar disseminadores;

Ensinar a planejar em curto, médio e longo prazo;

Desenvolver a cultura de prevenção; e,

Proporcionar a possibilidade de mudança da condição atual.

Esses são alguns conceitos (além de outros) nos quais me embasei e que me ajudaram a entender, o que é educação financeira e como podemos trabalhar com esse conteúdo em sala de aula. Essas orientações permitem aos estudantes pensar sobre atitudes relacionadas ao planejamento e ao uso dos recursos financeiros de forma que consigam prevenir futuros endividamentos. E, assim, possam planejar para alcançar suas metas e seus sonhos.

O planejamento doméstico auxilia as famílias a estabelecer uma relação saudável com o dinheiro, tentando entender seus gastos. Então, por esse motivo, é preciso levar às pessoas informações adequadas sobre o orçamento familiar. Assim, podem haver decisões mais conscientes sobre contrair dívidas. Este conhecimento pode ir mostrando, de forma gradativa, ao aluno e a sua família que a economia de hoje, pode ajudar a auferir metas para futuro.

A educação financeira não é somente explicar aos alunos como consumir, poupar e investir. É tentar contribuir de algum modo para que esse sujeito consiga ter preocupações com a noção de bem estar social de sentir-se cidadão no mundo. Buscar para si uma melhor qualidade de vida no seu cotidiano e no planeta em que vive. É ser solidário e aprender a contribuir com o que se tem, é correr atrás de seus sonhos e de seus ideais. Leonardo Boff (2010) fala sobre quatro ideais fundamentais para a vida: o

bem comum, a justa medida, sustentabilidade necessária e consumo solidário. Conforme o autor,

bem comum é oferecer as condições necessária para vida, permite que as pessoas tenham autoestima e possa plasmar sua própria vida, o bem comum também está interligado às plantas, aos animais a todo o ecossistema do planeta. A justa medida tem a ver com a exploração que o ser humano faz de forma ilimitada de todos os recursos da natureza, favorecendo o consumo ilimitado das coisas, por parte de uma elite restrita. Refere se à sabedoria de encontrar o caminho do meio, o equilíbrio no uso dos recursos e das coisas. A sustentabilidade necessária nos obriga a repensar a forma de usar os recursos disponíveis na natureza sem danificá-la, pois as gerações futuras também terão o direito de habitar este mesmo planeta. Quando se fala de consumo solidário e responsável, é para se ter em vista de que 20% da população do mundo consome 80% de todos os recursos da natureza. Uns comem até faltar-se enquanto outros passam fome e sofrem todo tipo de necessidades. (BOFF, 2010)

Esses quatro ideais, a meu ver, buscam nos orientar sobre os cuidados que devemos dispor com o que se tem e o que se busca conquistar. Visa uma ética e uma moral para toda uma comunidade e não apenas para um indivíduo ou um grupo determinado. O bem viver determinado pelo autor é uma visão integradora de tudo que é vivo e de como o ser humano deve aprender a viver em comunhão com tudo que o cerca. Caso contrário se deteriora e desaparece. Junto com esse cuidado surge a responsabilidade sobre nossas ações que sendo benéficas podem ajudar ao outro, sendo maléficas aumentam o desequilíbrio. Nossas atitudes devem ser voltadas para uma educação de prevenção e transformação e isso implica em romper com uma lógica de consumo para a qual os estímulos do mercado tendem a fortalecer, na qual os sujeitos estão inseridos.

A educação financeira contribui para uma conscientização do uso do dinheiro de forma responsável, além de desenvolver a noção de cidadania. A cidadania nos dá a noção de pertencimento social, permitindo estabelecer relações e reivindicar uma lista de

direitos. Portanto cidadania pressupõe-se ter voz, poder manifestar opiniões, relacionar-se como membro participativo dentro de um grupo. Deste jeito, o indivíduo constrói sua identidade e torna-se cidadão.

Quando em sala de aula conseguimos promover a cidadania, esse indivíduo acerca-se de seus direitos e deveres, começa a participar das intervenções dentro da sociedade e inicia sua ocupação em lugares públicos. Praticar cidadania é conhecer seus direitos, é se reconhecer como sujeito das mudanças, atuando tanto no cumprimento das obrigações, como nas cobranças dos seus direitos. Dessa forma, podemos atuar no nosso dia a dia para que nossas atitudes pessoais possam gerar bons resultados no presente, ao tomar decisões financeiras sociais e ambientais responsáveis, analisar alternativas, elaborar as melhores estratégias para nosso planejamento financeiro a curto, médio ou longo prazo.

Trabalhar com alfabetização financeira é pensar em alinhar os conteúdos formais aos temas atuais e relevantes para sociedade, pois, existe uma intersecção entre todas essas definições que contextualizadas colaboram para aprendizagem e para relacionar teoria e prática, além de tornar os conteúdos mais interessantes e próximos da realidade do dia a dia dos alunos. Todas essas definições são conceitos desafiadores para serem trabalhados em sala de aula. Oportunizam aos estudantes encarar de frente uma sociedade capitalista que lhe impele a cada dia consumir mais sem parar para pensar nas questões sociais, políticas ou éticas. Fomentar o comportamento em educação financeira e seus conceitos leva ao consumo sadio e viabiliza a sustentabilidade na economia.

3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NUMA TURMA DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para que serve? (Aluna A)

Tem muita matemática? (Aluno B)

A educação financeira fornece ferramentas importantes para podermos gerenciar nossa vida financeira como: saber ganhar, gastar e poupar. Pois, permite uma visão mais consciente sobre o consumo, e a relação com o dinheiro. Se conseguirmos introduzi-la precocemente dentro da educação, mais tarde conseguiremos uma equilibrada relação com o dinheiro na vida adulta.

A educação financeira pode ser iniciada em qualquer etapa do ensino fundamental. Quanto mais cedo tratarmos com as crianças sobre finanças, antes começariam a desenvolver uma consciência em relação ao uso do dinheiro.

Geralmente as crianças têm uma noção geral sobre o que é o dinheiro e para o que serve. Quando fiz essa pergunta em sala de aula a resposta foi simples e direta, “– Ora! Dinheiro é um papel e serve para comprar”. A resposta não está errada, apenas as crianças não sabem que outros princípios estão agregados ao dinheiro e ao seu valor e poder de compra.

A necessidade de se trabalhar com educação financeira, instituída pelo Decreto Número 7.397, de 22 de dezembro de 2010, com o objetivo de propor a estratégia nacional de educação financeira – o COREMEC constituiu um grupo de trabalho em 2007 (denominado “Grupo de Trabalho do COREMEC” deste ponto em diante), se impôs. Esse grupo propôs, em 2009, um rascunho da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). O rascunho foi validado pelos quatro reguladores que compõem o COREMEC e, em dezembro de 2010, o Decreto Presidencial nº 7.3977 estabeleceu formalmente a ENEF. Esse Decreto também criou o CONEF e a ENEF está atualmente em fase de implementação. O projeto foi criado com o intuito de implementar a educação financeira para crianças, jovens e adultos.

Além disso, segundo o livro dos professores produzido pelo CONEF (2013) a temática alfabetização financeira se justifica na escola [...] *porque a instituição escolar é um espaço fundamental para construção das competências necessárias para o jovem enfrentar os desafios sociais e econômicos da sociedade, e também para a construção e o exercício da cidadania.*

Dessa forma, senti a necessidade de começar a realizar um trabalho voltado para a educação financeira permitindo que os alunos pudessem ter um conhecimento maior sobre sua situação financeira e familiar e com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da cultura de planejamento, prevenção, poupança e consumo consciente. Os conceitos não estão restritos apenas a finanças pessoais, mas trabalham com outras relações que estão interligadas à educação financeira como: consumo sustentável, reciclagem, orçamento doméstico, ética nas relações de consumo (direito do consumidor) e meio ambiente, conforme já redigido anteriormente. A BNCC inclui a Educação Financeira entre os temas transversais que devem constar nos currículos de todo o país.

Outro aspecto a ser considerado nesta unidade temática é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à educação financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro. Essas questões além de promover o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos alunos, podem se constituir em excelentes contextos para as aplicações dos conceitos da Matemática Financeira e também proporcionar contextos para ampliar e aprofundar esses conceitos. (BRASIL, BNCC, p. 267)

Apesar de ser um tema interdisciplinar, apenas a base de matemática o incorpora explicitamente, porém, ela aparece como sugerida dentro do contexto das demais disciplinas, de acordo com Ronaldo Vieira da Silva, Chefe-Adjunto do Departamento de Educação Financeira do Banco Central do Brasil (DEPEF, BACEN, 2018), afirma que *a nova BNCC trata da Educação Financeira e do consumo em quatro das cinco áreas do conhecimento que a constituem, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Língua Inglesa, Matemática, Geografia e História*. Educação Financeira é articuladora entre as áreas de conhecimento dentro da sala de aula, oportunizando as crianças que através de

várias disciplinas iniciem na formação da construção de conceitos ligados à temática. Isso não impede que qualquer professor de qualquer especialidade, mesmo que sozinho, não possa iniciar essa temática em suas aulas, aproveitando o cotidiano dos alunos para desenvolver atividades ligadas à natureza econômica, utilizando-se de adequado nível de complexidade, conforme a faixa etária dos alunos.

Perguntei aos alunos se eles achavam importante conversar sobre dinheiro e se em casa participavam de conversas sobre os gastos da família. A maioria respondeu que não, alguns se abstiveram e outros disseram que sim. E quem participa das conversas, indaguei em que momento ela se dá? A maioria não soube responder, outros colocaram que na hora das compras e alguns na hora de receber a mesada. Fica subentendido que na maioria das vezes as crianças não participam na organização das contas. Muitos pais acreditam que falar sobre dinheiro não é assunto de criança e, portanto, devem se preocupar apenas com os estudos. Perde-se uma oportunidade de esclarecer aos filhos, pouco a pouco, que os gastos têm limites e não podemos comprar tudo o que queremos. Devemos separar as coisas que desejamos do que realmente precisamos.

Além disso, poderiam começar a entender que a família somente pode gastar o que tem. Aprenderiam a poupar e a gastar de maneira ponderada, pois gastar dinheiro de forma equilibrada e sensata é um exercício de inteligência diz Cássia de Aquino (2012), pois, gastar dinheiro é aprender a fazer escolhas e se dar conta das consequências das escolhas que se faz.

A escola também tem como contribuir de forma significativa para que os alunos possam entender melhor os conceitos do universo financeiro e que através desses possam a vir tomar decisões financeiras adequadas para cuidar da sua própria vida de forma autônoma. Além de tomar decisões sócio ecologicamente responsáveis sobre o meio ambiente, evitar um consumo desenfreado. Contudo, é necessário haver uma sensibilidade para falar desse assunto dentro da sala de aula de forma que não surpreenda aos pais, nem lhes deixe constrangidos. Um exemplo é quando realizei a atividade “Conhecendo a conta Luz?”, na qual optei por levar para aula uma conta de luz minha, pois poderia haver pais inadimplentes, ou mesmo os que não ter conta

regularizada junto à empresa fornecedora de energia elétrica, o popularmente conhecido “gato de luz”. Nessa atividade descobri que a maioria dos alunos nunca tinha observado com cuidado uma conta de luz. Mas grande parte da turma sabia para o que servia a conta de luz. A resposta mais dada foi: para medir quanto gastamos de energia em nossa casa. Porém, no quesito campos da conta não sabiam realizar a leitura dos dados.

Essa atividade teve como propósito discutir com os alunos a importância da energia elétrica, seus custos e de como não economizar pode pesar no orçamento familiar ao final do mês. A maioria dos alunos ao serem questionados se ajudava em casa economizando luz, responderam que não. Dos exemplos apresentados acerca do como poderiam economizar com consumo responsável: não demorar no chuveiro, apagar luz ao deixar cômodo de sua residência, desligar a televisão quando ninguém estiver assistindo e fechar a torneira enquanto escova os dentes, a grande maioria dos alunos respondeu que não fazia porque esquecia, falta de hábito ou ninguém se lembrava de fazer isso.

A educação financeira deveria começar no ambiente familiar, pois é observando como a família lida com as relações de consumo e como planejam seus gastos que a criança vai começar a formatar esta questão de trabalhar com o dinheiro.

3.1 O ESTÁGIO

Como exposto anteriormente, este trabalho partiu do projeto de pesquisa realizado durante meu estágio que ocorreu numa Escola Estadual de Porto Alegre, numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Este trabalho foi desenvolvido como estudo de caso, por ter sido elaborado a partir de dados coletados como: leituras, diálogos e atividades na escola em qual realizei o projeto. Procurei, através dessas práticas, responder aos objetivos (perguntas) propostas por mim durante a trajetória do trabalho pedagógico e da reflexão sobre ele. O estudo de caso busca uma abordagem metodológica de investigação, relacionando as diversas informações coletadas e suas interpretações para ser objeto de estudo e observação, podendo permitir a descrição das intervenções no cotidiano da vida real.

As informações produzidas durante o estudo serão divididas além deste item, em mais quatro níveis: Introdução ao assunto; Planejamento; Das atividades realizadas; Das percepções e os efeitos.

3.2 INTRODUZINDO AO ASSUNTO JUNTO À TURMA

Quando iniciei meu planejamento sobre educação financeira não imaginava quanta informação poderia estar sendo levada para sala de aula. Mas, devido ao fator tempo, muita informação que eu gostaria de ter explorado mais ficou em um nível mais superficial, como Direito do Consumidor, o qual apenas foi citado em sala de aula, entre outros assuntos. Quando expus à turma sobre o que seria o projeto, os alunos no primeiro momento mostraram certa desconfiança sobre trabalharmos com essa temática em sala de aula.

Todos acharam que seria uma matéria com cálculos, pois consegui horário para trabalhar com eles somente após o período de matemática (depois, devido ao fator tempo fui colocando a disciplina dentro de outras matérias pertinentes nas quais poderia fazer um trabalho interdisciplinar), então logicamente associaram que seria mais um conteúdo de matemática. A primeira pergunta feita pelos alunos foi: “- Vai ser só matemática?”. Tenho que aqui ressaltar que na fala dos alunos fica evidente o temor que carregam em relação a disciplina de matemática. Jo Boaler (Jo Boaler, docente na Universidade de Stanford e autora “Mentalidades Matemáticas na sala de aula”) afirma que:

“existem alguns fatos matemáticos (p. ex., $8 \times 4 = 32$) que devem ser memorizados. [...] infelizmente, a maioria dos professores e pais pensa que, como algumas áreas de matemática são factuais, como fatos numéricos, elas precisam ser aprendidas por meio de prática mecânica e treinos de rapidez. [...] é uma abordagem da aprendizagem inicial que causa danos aos alunos, fazendo-os pensar que ser bem sucedido em matemática envolve recordar-se de fatos com rapidez e impulsionando-os a uma rota procedimental que vai na contramão do desenvolvimento de uma mentalidade matemática. (BOALER, 2018)

O que observei em sala de aula na disciplina de matemática foi a mecanização da mesma, acerto e resposta. Quero dizer com isso que continua sendo memorização pela repetição. A maior parte dos alunos também não conseguia decorar a tabuada devido a pressão feita para que se decore a mesma, somente causando uma aversão generalizada sobre a matéria. A maioria dos professores toma como média um ou até três alunos que têm a resposta na ponta da língua ou um bom senso numérico, isso os leva a crer que se há três alunos que conseguem entender e fazer os exercícios os outros também podem. Claro que podem, mas Jo Boaler afirma que *alguns alunos não têm tanta habilidade para memorizar fatos matemáticos quanto outros. Isso é algo a ser celebrado, pois faz parte da maravilhosa diversidade da vida e das pessoas.* Segundo a especialista as melhores aulas de matemática são aquelas que conseguem engajar os alunos em atividades que focam a compreensão do problema e sua resolução se utilizando para isso de várias estratégias, por exemplo: desenhar o que ajuda a pensar na solução de problemas mais difíceis, trabalhar em equipe, compartilhar suas dúvidas com os colegas e tentar solucionar os problemas buscando outras formas. O que muitas vezes se vê em sala de aula é que a maioria dos professores somente consegue ver o resultado final da operação e não seu desenvolvimento.

Todo o esforço do aluno para chegar a um resultado mesmo que errado não é valorizado, sendo que o mais importante deveria ser o professor mostrar ao aluno que o erro é significativo, existe para que você continue tentando, que seu raciocínio está no caminho certo, pois é errando que o cérebro aprende. Entender conceitos matemáticos básicos (adição, subtração, multiplicação, divisão) propicia entender futuramente como está nossa situação financeira, pois estes princípios ajudam a manter as finanças pessoais equilibradas. Usando essas operações, poderemos verificar se estamos cometendo excessos. Também possibilita que possamos introduzir dentro da disciplina outros conceitos que enriquecem o conhecimento do aluno como: saldo (o dinheiro que se tem), retirada (quanto vou ficar), além de comparar os preços. A matemática está presente no cotidiano das pessoas, assim deve ser contextualizada em sala de aula, se trabalhar com os exemplos práticos da vida.

Assim, perguntei a eles se sabiam do que eu estava falando:

“- Vocês sabem o que é educação financeira?” A grande maioria disse que não, alguns responderam que era cuidar do dinheiro e os outros se abstiveram. Perguntei o que era cuidar do dinheiro, obtive uma resposta curta e direta:

“- Não gastar demais.” Continuei a indagar:

“- E o que é não gastar demais?” Alguns alunos responderam

“- Não sei!” outros “- Juntar dinheiro e não gastar tudo” os demais

“- Não sair comprando tudo o que vê”.

Novamente perguntei: “- Quem recebe algum dinheiro seja dos pais ou obtém de alguma outra forma vocês conseguem economizar e não gastar?” Nesse momento grande parte do grupo deu risadas. Alguns disseram que juntavam, mas era difícil porque sempre tem alguma coisa para comprar e acabavam gastando. Outros nem tentavam economizar, pois tudo que recebiam gastavam comprando lanche no bar da escola. Um terceiro grupo não recebia nenhum tipo de salário.

Coloquei aos alunos que suas respostas estavam corretas, que economizar dinheiro tem a ver com educação financeira e que esse é um dos assuntos abordados por essa disciplina. Expus a eles que educação financeira pode nos mostrar formas de economizar, tais como: não comprar por impulso e aprender a guardar seu dinheiro. Disse ao grupo que a educação financeira que iríamos ver e realizar atividades, não dependeria de cálculos complexos que talvez apenas fizéssemos alguma tarefa de matemática, mas usando as operações que eles já conheciam e que veríamos mais outros assuntos também ligados ao tema como: consumo, hábitos e atitudes.

3.3 PLANEJAMENTO.

Na sequência do texto apresento sinteticamente os planos de aula de modo a que o leitor possa conhecer o que foi pensado e com a análise posterior. A educação financeira é um assunto muito extenso. Por tal motivo e pelo tempo que tinha apenas XXX horas, decidi fazer um recorte no tema e levar para sala de aula o que considere mais

relevante sobre a proposta (entender melhor os conceitos, termos e valores a serem desenvolvidos), e para a formação dos alunos, e que pudessem aplicar as informações trazidas por mim em seu dia a dia. Para introduzir o projeto primeiramente passei slides sobre o que seria a educação financeira, e no decorrer dos planos de aulas as atividades então foram sendo realizadas.

Nos meus planejamentos optei por trabalhar com: compreender a importância de economizarmos energia elétrica, não somente pela despesa que aumenta com uma utilização demasiada, mas também para preservarmos o meio ambiente. Para tal atividade me utilizei da conta de luz. Para trabalhar com conceitos de sustentabilidade, reaproveitamento, consumo consciente e economia solidária, realizei atividades de feira de trocas e uma exposição de material reciclável – a lixoteca. Além das discussões em sala de aula. O conceito de poupança foi trabalhado com os alunos através de atividade de artes, quando confeccionamos um cofre de material reciclável. Trabalhamos conceito de gasto (dispêndio financeiro para adquirir alguma coisa) e também sobre necessidades e desejos dois conceitos diferentes.

Também trabalhados com orçamento pessoal e planejamento para o uso do dinheiro. O que é cheque, cartão de crédito e juros. Junto a esse conteúdo conseguimos ver dentro do direito do consumidor, mesmo que rapidamente, a lei do troco. Além disso, foi debatida em sala de aula a influência da publicidade na relação de consumo. E para amarrarmos todos esses nós ocorreu uma palestra do Banco Central do Brasil na qual foram abordados todos esses assuntos entre outros.

Não optei por trabalhar com matemática diretamente porque não considerei o momento como oportuno para tal. Os alunos precisariam de mais tempo para poder introduzir conceitos como: porcentagem, em relação a uma compra à vista ou a prazo. E os mesmos não estavam confiantes ainda nos conteúdos de multiplicação e divisão.

Plano de aula I

Num dos primeiros planejamentos estudamos a conta de luz . Os objetivos eram que conhecessem a conta de luz e percebessem a importância da economia no

consumo de energia. Trabalhar com esse tema foi o mote para debatermos sobre diversos assuntos em sala de aula, como: hábitos que geram desperdício de energia elétrica, o que podemos fazer para economizar energia e a relação entre economia de energia e o meio ambiente. Assim, a discussão girou em torno do consumo de energia e hábitos de consumo responsável. Perguntei a eles se estaríamos economizando quando deixamos a TV ou outros aparelhos ligados sem necessidade. Também foi perguntado se em casa a única preocupação era somente em economizar energia. Nesse momento houve um silêncio. Até que um dos alunos disse água e alguns citaram telefone. Nesse planejamento os alunos puderam perceber que esses serviços geram custos que deverão ser pagos ao final do mês.

Outra pergunta foi: “- Para sermos felizes precisamos de dinheiro?” A maioria respondeu que não, alguns que “- dinheiro ajuda muito a ser feliz”, e outros nada responderam. O que me chamou a atenção na segunda resposta foi sua justificativa: “- É que quando fico chateado, saio, compro alguma coisa e daí fico feliz”. Aqui já observamos um fator emocional influenciando a compra. O prazer que se obtém ao adquirir certo produto seja ele necessário ou não. Como essa pergunta é muito subjetiva quis apenas incentivar os alunos a pensarem sobre o assunto. Nessa mesma semana do plano de aula I na disciplina de artes foi trabalhada a educação financeira com a confecção de um cofre.

Plano de aula II

No segundo encontro conversamos sobre desejos e necessidades. A aula iniciou com uma discussão sobre onde gastamos dinheiro no dia a dia. A intenção era fazer os alunos perceberem que não gastamos dinheiro apenas em compras, mas em ações que passam despercebidas no cotidiano como: tomar banho, lavar as mãos, deixar TV ou o computador ligados, além de outros aparelhos plugados nas tomadas sem usá-los. Após esse assunto perguntei quem tinha bicicleta. A grande maioria respondeu positivamente. Continuei perguntando: “- Quem está querendo uma bicicleta nova?” Todos responderam que queriam uma bicicleta nova. Então perguntei:

“- Por que querem trocar?” As respostas foram as mais variadas:
“- A minha está velha”,
“- preciso de uma mais veloz”,
“- a minha não tem marcha lenta”,
“- Quero uma mais bonita”. Logo interpelei:
“- Mas não ouvi ninguém dizer que não dá mais para andar nela?”
Os alunos responderam de pronto:
“- Dá para andar, só não está legal”.

Coloquei então a eles que o desejo da grande maioria da turma era ter uma bicicleta nova, todos concordaram. Continuei argumentando: “- Essa bicicleta alvo do desejo de vocês é uma necessidade? Vocês precisam dela nesse momento?” A turma então se dividiu nesse momento alternando respostas “sim e não”.

Em seguida fiz a seguinte pergunta: “- Qual é a diferença entre desejo e necessidade? Como poderíamos realizar nossos desejos?” A maioria respondeu que pediria dinheiro aos pais. Então perguntei: “- E quando os pais não têm dinheiro para comprar o que vocês querem, como vocês fazem?” Alguns deram de ombros, outros disseram que juntam o dinheiro da mesada até conseguir o valor, outra parte alegou que os pais sempre compram o que eles pedem.

O objetivo dessa aula é que os alunos pudessem refletir primeiramente sobre atender suas necessidades básicas e depois pensar em seus desejos.

Plano de aula III

No terceiro plano de aula trabalhei a função do dinheiro e seu valor. Nessa aula foram discutidas as seguintes perguntas: “- O que é dinheiro? Para que serve? Como surge o dinheiro? Qual origem da palavra salário? Como conseguimos dinheiro? Como é fabricado e quais são as formas de dinheiro?” Nesse planejamento os objetivos são conhecer a história do dinheiro e suas transformações ao longo da história e perceber as relações de trocas antes realizadas por escambo. Nessa aula houve por parte dos alunos questionamento de como surge o papel. Também conversamos sobre planejamentos e

gastos. As diferentes formas do dinheiro, o que são juros, diferença entre poupança e caderneta de poupança (investimento) e, por último, a lei do troco.

Plano de aula IV

Este plano de aula teve a intenção de trabalhar com Propaganda e Consumo. Os objetivos são: levar a reflexão de como as propagandas influenciam o consumo exacerbado e identificar os elementos dos textos publicitários voltados para despertar o desejo de consumo. O tema foi introduzido com a seguinte pergunta: “O que vocês entendem por propaganda?” Após foi mostrado aos alunos a seguinte palavra - Consumo - e perguntando o que esta palavra representa. A mesma tática foi usada para perguntar sobre a palavra consumismo. Também foi perguntado se sabiam o que era slogan. Após discutimos a respeito dos anúncios publicitários.

Plano de aula V

Neste encontro foi planejada a realização de uma feira de escambo ou feira de reaproveitamento. Fizemos anteriormente a combinação que todos trouxessem para a escola algum objeto pessoal que não usassem mais para trocarem com os colegas em sala de aula. O objetivo é relacionar a teoria que já vínhamos abordando em sala de aula com a prática.

Plano de aula VI

A aula pretendeu trabalhar com os alunos Os Cincos Rs do Consumo Consciente. Discutir em sala de aula que ações práticas podem ajudar a preservar o meio ambiente. Para tanto é necessário que os alunos conheçam os 5 Rs e saibam seus

significados. Debater também temas como: a importância da reciclagem, consumo consciente e o que é sustentabilidade. Os objetivos são estimular o interesse e a preocupação dos educandos pelo consumo consciente em relação ao meio ambiente através de decisões ambientalmente responsáveis como a coleta de lixo.

Plano de aula VII

Nesse último plano de aula uma palestra do Banco Central do Brasil sobre educação financeira. Essa palestra faz um fechamento do todo o conteúdo visto pelos alunos durante as aulas.

3.4 DAS ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades pedagógicas trabalhadas pela turma abrangendo educação financeira foram extraídas de diversas dissertações, artigos, sites e livros, de que me apropriei para aplicar em sala de aula. As atividades propostas pelos diferentes autores são lúdicas, não exigindo um conhecimento complexo sobre o tema para serem realizadas e trabalhavam aspectos essenciais sobre a educação financeira, abordados por mim em sala de aula. Neste capítulo apresento relatos relacionados aos planejamentos expostos no capítulo anterior.

Atividade: Conhecendo a conta de luz/ confecção um cofre

Uma das atividades trabalhadas foi a conta de luz. Nessa aula investigamos os campos da conta, não todos, apenas os considerados mais relevantes. Todos já sabiam para o que serve uma conta de luz. Foi distribuído para cada aluno uma folha de ofício na qual estava impressa uma conta de luz, fomos lendo e identificando cada campo. No cabeçalho da conta de luz em que se encontra nome e endereço do cliente o que lhes chamou atenção foi a sigla CPF. Expliquei que o CPF significa cadastro de pessoa física. Um

dos alunos perguntou, no meio da explicação, o que era “pessoa física?” Pessoa física, respondi, é todo o ser humano que nasce com vida e têm direitos e obrigações. O CPF, continuei, é um documento exigido pela Receita Federal para identificar as pessoas (contribuintes) quando declaram o imposto de renda. Outro comentário de aluno: “- Eu sei o que é imposto de Renda! É o leão!” disse ele. “- Alguém mais sabe o que é imposto de renda?” perguntei. Não houve respostas então coloquei da seguinte maneira, “- O Estado possui uma série obrigações como: saúde, segurança e educação. Isso tudo tem um custo e como o estado faz para custear essas atividades?” O governo retira das pessoas que possuem renda e dependendo do valor que recebem algumas pagam mais e outras pagam menos. Através do dinheiro que o governo arrecada com o imposto de renda, e também em outros impostos, ele aplica essas contribuições pagas pelas pessoas em serviços públicos.

Um dos alunos perguntou: “- E porque o imposto de renda é um leão? Que nem o colega falou?”. Comentei que o imposto de renda não é um leão. Apenas se utilizam da figura do leão como um símbolo, slogan de campanha. O leão foi escolhido segundo o próprio órgão da receita por suas características. Alguém gritou: “- Por que ele é feroz!” Boa lógica, pensei. Respondi que não era porque ele era furioso, no site da Receita Federal é dito que o animal foi escolhido por representar lealdade e justiça.

Após essas intervenções pedi que olhassem para o campo da composição da fatura. Expliquei que naquele campo estavam incluídos todos os custos referentes à energia elétrica e que pagamos por todos aqueles custos e não somente pelo que consumimos. Logo em seguida um aluno perguntou o que era uma taxa. Expliquei que taxa é um valor que você paga por um serviço específico como coleta de lixo. Outro campo que os alunos se detiveram foi no gráfico de consumo. Disse a eles que no gráfico temos um histórico das leituras de energia, ali é mostrado as leituras realizadas no relógio de luz da residência.

Nessa atividade também foi discutido as bandeiras tarifárias. Perguntei ao grupo se em casa tinham hábito de cuidar as bandeiras vigentes para economizar energia. Alguns responderam que não conheciam as bandeiras, outros que quem olhava isso eram

seus responsáveis e um pequeno número não disse nada. É interessante que eles possam também ficar de olho nas bandeiras tarifárias, pois estas determinam que, a energia ficará mais cara, e acendem um alerta em relação ao desperdício. Perguntei se eles sabiam onde ficavam os relógios de luz das suas casas. Reconhecendo que nem todas as casas têm medidores exclusivos para uma unidade habitacional.

Metade da turma respondeu que nunca tinha observado, outra parte alegou que mora em condomínio e que os relógios ficam numa parte que eles não têm acesso. Por último perguntei se eles sabiam de dicas para economizar energia, como havíamos conversado em outras aulas sobre o assunto eles lembraram com facilidade e as mais citadas foram: não demorar no chuveiro e desligar a torneira enquanto se ensaboia nos dias quentes, utilizar lâmpadas fluorescentes compactas, mais econômicas, nos locais onde as luzes precisam ficar acesas por mais tempo, entre outras.

Os alunos acharam a atividade interessante, principalmente porque nunca tinham observado os detalhes de uma conta de luz, muitos sequer tinham pegado na mão uma conta de luz. Também não sabiam como se dava a distribuição da energia que chega a nossa casa. Parece, no primeiro momento, que não é um fator relevante para muitos, saber sobre a geração de energia. Porém, são todos esses serviços inclusos no fornecimento da energia que compõem nossa fatura mensal. Temos que saber os impostos inclusos em nossa conta para podermos exigir nossos direitos.

Assim, nessa atividade, uma das propostas também era que os alunos pudessem em casa comentar com os pais a respeito das tarifas cobradas, exemplo: a taxa de iluminação pública. Quando nossa rua é mal iluminada tendo lâmpadas que funcionam um tempo e depois apagam ou não funcionam, como fica a claridade nessa rua para os transeuntes? Temos o direito de exigir ao órgão competente, no caso a prefeitura, uma iluminação pública de qualidade.

A segunda atividade trabalhada com os alunos na mesma semana foi a confecção de um cofre em atividade adaptada do livro Educação Financeira nas Escolas Livro 3 - 3o ano de escolaridade < <http://www.vidaedinheiro.gov.br/ef-livro-3/> >, seguindo as diretrizes da ENEF sobre educação financeira. Nessa tarefa foi pedido aos alunos que

trouxessem um copo de requeijão, vazio e limpo. Como em aulas anteriores tínhamos conversado a respeito do que é poupança e o hábito de poupar, agora os mesmos iriam colocar em prática o que tínhamos debatido em sala de aula. A intenção era que eles começassem a adquirir o hábito de economizar seu dinheiro.

A atividade consiste em mostrar aos alunos que fazendo pequenas economias, como por exemplo, trazer lanche de casa e deixar de comprar doces todos os dias, pode ser atitude que ajuda a economizar um dinheiro e ao final de algum tempo estipulado poder conseguir comprar ou ajudar a comprar um produto que antes não poderiam.

Nesse sentido, o objetivo da atividade era que os alunos aprendessem o sentido de economizar. Para incentivá-los ainda mais foi feita a seguinte proposta: que juntassem dinheiro em um prazo estipulado e comprássemos um presente coletivo para professora referência deles. Todos gostaram da ideia. Um dos alunos me perguntou quanto dinheiro devia colocar no cofre. Respondi que as moedas que ganhasse ou que sobrou de troco. “- Sabe aqueles dez centavos, cinquenta centavos? Em vez de gastar com chiclete e bala vocês guardam nesse cofre, ou uma parte desse dinheiro”, falei.

Ao final do tempo que estipulamos cada um traz seu cofre e vamos contar, “- quanto cada um conseguiu juntar”. Uma aluna perguntou: “- Mas se eu não conseguir encher o cofre?” Então falei: “- Gente, ninguém precisa encher o cofre! É o que conseguir juntar e não gastar.” O tempo estipulado foram 5 semanas. Essa tarefa foi finalizada na semana final do estágio, em que todos os alunos trouxeram seus cofres e cada um contou o que conseguiu juntar. Alguns juntaram entre moedas e cédulas R\$ 75,00 reais, outros R\$ 50,00 reais, outra parte que foi a média de R\$ 20 reais e poucos R\$ 10,00 reais. Após a contagem decidiram o presente que seria comprado, o valor então foi dividido pelos vinte e dois alunos, o que saiu em conta para cada um. Pois ficaram com um bom dinheiro ainda

Essa atividade contribui muito para que os alunos percebessem que o valor economizado pode servir para diversas finalidades que eles queiram. Além disso, eles começaram a aprender a administrar seu próprio dinheiro para alcançar um objetivo.

Figura 1 – Confeção de cofres



Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

Atividade Desejos X Necessidades

Para iniciar essa atividade discutimos primeiramente sobre gastos a partir de sugestões retiradas do artigo: Uma Abordagem da Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental - XX EREMAT - Encontro Regional de Estudantes de Matemática da Região Sul (Fundação Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Bagé/RS, Brasil. 13-16 nov. 2014). Nessa atividade fiquei observando o grupo conversando sobre quais eram seus gastos e em que gastavam. A grande maioria gastava em jogos da internet, outros em supérfluos e uma parte em roupas, principalmente as meninas. Durante meu estágio pude constatar que quando uma das meninas aparecia com algum acessório novo esse se

tornava objeto de desejo das demais. As perguntas giravam em torno de onde comprou e quanto custou. Outra fala que chamou a atenção foi: “- Será que tem ainda? Amanhã vou pedir para minha mãe comprar.” Fica fácil perceber que os alunos são influenciados uns pelos outros.

A seguir passamos a discutir sobre: precisamos de tudo que compramos. A grande maioria disse que sim, outros reconheceram que não e alguns ficaram pensativos. Então, perguntei à turma: “- Os itens dos quais vocês estavam falando são essenciais, fazem falta? Ou vocês compram somente por impulso?” Alguns responderam que dependia do que iriam comprar, outros argumentaram que compravam porque todo mundo tinha, e os demais por impulso e depois se arrependiam. Perguntei a eles se sabiam a diferença entre desejo e necessidade. A maioria disse que desejo é uma coisa que se quer muito. “- E necessidade?”, indaguei. Ninguém soube me dizer. Então falei: “— Me digam, que coisa realmente vocês precisam no dia a dia de vocês”. Logo alguns disseram: lugar para morar, depois citaram comida, roupa e água.

Então perguntei a um dos alunos: “- Aluno A me diga um coisa que tu deseje muito.” Recebi uma resposta imediata: “- Um celular novo”. Agora pedi ao aluno que me dissesse uma necessidade sua do dia a dia. O aluno A respondeu: “- Vir para escola”.

Assim, disse: “- Concluimos que desejos são coisas boas, mas que devemos ter em mente que temos necessidades básicas que precisam ser atendidas antes dos desejos. Se não tivermos cuidado e ficarmos comprando coisas que não são tão úteis...”, um dos alunos nesse momento me interrompeu e falou: “- Tipo nas promoções”, outros já entraram na conversa dizendo: “- Minha mãe somente compra nas promoções.” Outro já colocou que: “- Na promoção tudo é mais barato”. Então perguntei: “- Mas será que nas promoções não acabamos comprando coisas a mais, ou que às vezes nem precisamos?” Houve um coro na aula dizendo “- É verdade”. Comentei que as promoções são bem vindas e muitas vezes são vantajosas, mas desde que se saiba comprar. Pois, mesmo sendo uma oferta de algo, precisamos questionar se realmente precisamos desse produto. Quando compramos por impulso, corremos o risco de ficarmos endividados. Isso pode nos levar a sempre estar “no vermelho”. Perguntei aos alunos se sabiam o que era “estar no

vermelho” ou se já tinha escutado essa expressão antes. A maioria disse que sim e que significava ficar sem dinheiro.

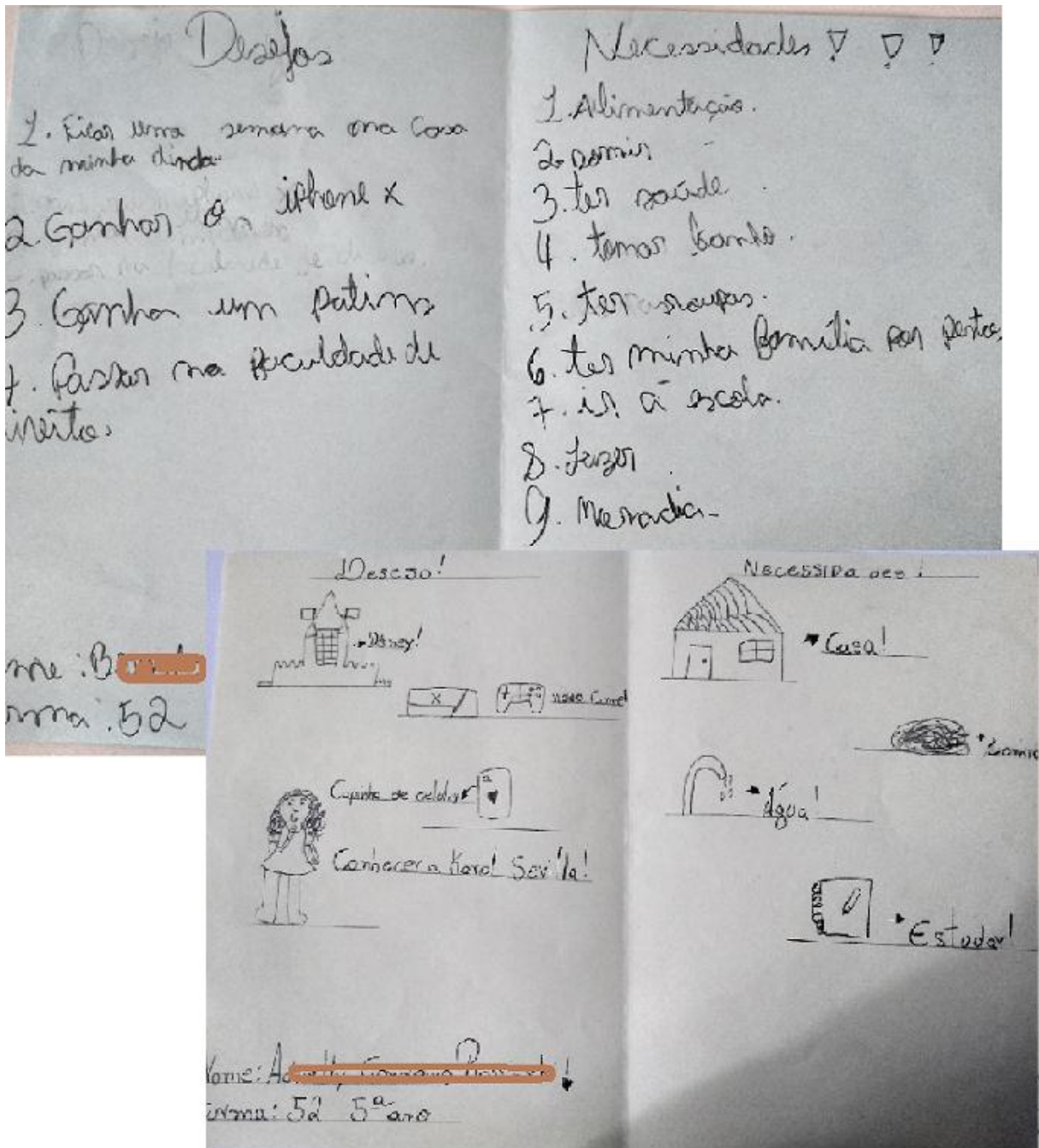
Após essas discussões, propus a seguinte atividade sobre desejo e necessidades: Distribui uma folha de ofício para cada aluno e pedi que a dobrassem ao meio, numa das partes eles deveriam escrever “desejo” e na outra “necessidade”. Nessa atividade eles precisam escolher algo que gostariam de comprar e dizer como fariam para conseguir realizar esse desejo e se é uma compra necessária. Na outra parte suas necessidades reais. Essa atividade possibilita aos alunos refletirem a respeito da importância de se preocupar primeiramente com as necessidades, para em segundo plano pensar nos desejos. Quais desejos realmente são importantes ou somos levados a consumir? Após cada um poderá ler o que escreveu no cartão e depois faremos um cartaz para afixar na sala.

Os alunos nessa atividade conseguiram perceber a diferença entre desejos e necessidades. Porém não escreveram nos cartões como atingiriam seus desejos, apenas se manifestaram oralmente. A maior parte disse que iria estudar para conseguir realizar seu desejo, outra parte que iria trabalhar fazendo uma tarefa em casa para ganhar dinheiro e os demais não sabiam ainda o que fariam. Nos cartões aparecerem todo o tipo de desejo, mas os mais citados são os eletrônicos. Todos desejam um aparelho de última geração, mesmo não havendo motivo para a troca. Essa compulsão gera um problema ambiental, pois, consumimos mais matéria prima e produzimos cada vez mais lixo eletrônico.

Diante disso, no plano de aula VI “5 Rs consumo consciente”, passei o vídeo *Consumo consciente para uma vida sustentável* do Instituto Akatu (ONG sem fins lucrativos que trabalha pela conscientização e mobilização da sociedade para o consumo consciente e a transição para estilos sustentáveis de vida), intitulado: “De onde vem? Para onde vai? Celular”. Os alunos ficaram impressionados com a quantidade de recursos extraídos da natureza para produzir um celular. E com como o descarte errado do celular pode afetar o meio ambiente. Eles se atentaram que o celular é um bem durável e não precisa ser trocado a cada vez que aparece um modelo novo. Porém vivemos numa sociedade de consumo na qual os mercados sabem estimular as emoções consumistas

evidenciando que utilizar o mesmo celular não gera status.

Figura 2 – Desejos e Necessidades

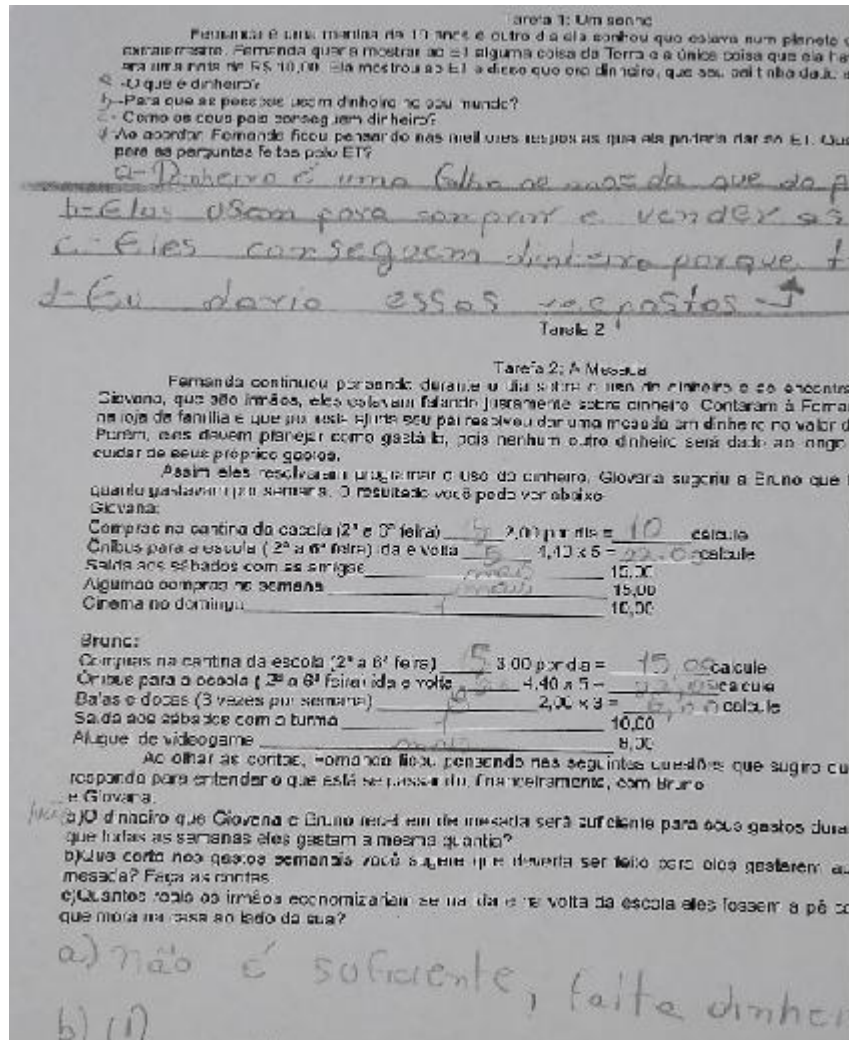


Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

Atividades Função do dinheiro e seu valor/ História do dinheiro

Os alunos trabalharam com algumas atividades nesse plano aula, sendo uma, a função do dinheiro e seu valor, e a outra, a história do dinheiro. Iniciei a primeira atividade perguntando à turma o que era dinheiro. Quase todos responderam que era o que damos em troca de alguma coisa que compramos. Disse a eles que estavam corretos, mas poderíamos melhorar a resposta e dizer que dinheiro é uma forma de pagamento. Perguntei também a eles para o que serve o dinheiro. Disseram que era para comprar coisas. Novamente intervi e disse a eles que o dinheiro serve como meio para facilitar nossas trocas por objetos / bens que precisamos adquirir. Também questionei como conseguimos dinheiro. Alguns disseram pegando no banco, outros juntando, uns tendo emprego e ganhando salário e os demais pedindo aos pais.

Figura 3 – História do dinheiro



Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

Disponível em: <https://lh6.googleusercontent.com/MOMT7Z0vLZo_t5mZ-3o_Z9VRNZPuV_AefbyUNRm6GLib4hGldIGgSUueZTghOMel1o2JohObxMOTVOQb9YUswW_KfzzpJLSM5-k2z5Ka_IDSoCSVIficvJxvw-Vvw8koX77eFQw2>

Após esse assunto realizaram atividades sendo que cada tarefa tinha um objetivo específico. A primeira tarefa perguntava mais sobre a primeira discussão que tivemos sobre o que é dinheiro, para que serve e como se consegue dinheiro. A segunda tarefa era sobre orçamento pessoal e planejamento. Primeiramente fiz a leitura das atividades com eles, depois puderam sentar-se uns com os outros para troca de informações.

Note que a atividade dois é muito interessante, pois a autora de Tarefas de Educação Financeira para o 6o Ano do Ensino Fundamental/Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática Mestrado Profissional em Educação Matemática Instituto de Ciências Exatas, colocou um orçamento acima do valor da mesada, que é de R\$ 150,00. Dependendo de quantas semanas tiver o mês, eles não terão dinheiro suficiente para todos os seus gastos. Então, terão que ajustar seu orçamento. Assim como ela coloca em sua tese, houve em sala de aula discussões a respeito do que cortar ou não cortar, para os meninos o mais doloroso foi cortar o aluguel de videogame.

A autora também conseguiu despertar nos alunos a discussão sobre alimentação saudável, visto que um dos itens que poderiam ser cortados são as guloseimas. Como tínhamos trabalhado em sala de aula sobre alimentos e leitura de rótulos, os alunos estavam mais conscientes sobre a ingestão de açúcares e a tendência foi fazer um corte nos doces.

Alguns acharam um absurdo o valor da passagem de ônibus o que levou a uma discussão sobre transporte público de Porto Alegre. Alguns alunos não conseguiram acompanhar o raciocínio colocado pela autora entre mesada ser mensal e os gastos colocados serem semanais. O que apesar das minhas explicações não conseguiram desenvolver. Essa atividade, segunda a autora é proposta para ajudar o desenvolvimento de questões reflexivas que levem a cada aluno a repensar seus gastos.

A atividade conseguiu alcançar seu objetivo na turma em que apliquei a tarefa, pois durante sua realização, muitos alunos falaram que não tinham consciência dos seus gastos no bar da escola.


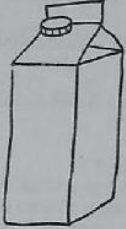


A outra atividade trabalhada com os alunos foi a respeito da Lei do Troco, retirada da proposta de Educação Financeira Escolar: Os Riscos e as Armadilhas Presentes no Comércio, na Sociedade de Consumidores. A falta de moedas estimula a prática de fornecer como troco balas ou arredondar o preço para cima, enquanto o correto seria reduzir o preço do produto, até que haja troco. Todos os alunos demonstraram não conhecer a Lei do Troco estipulada no Art. 39, Parágrafo 1º do Código de Defesa do Consumidor – CDC. Essa prática é caracterizada como venda casada, proibida pelo CDC, e

também pode ser tipificada como enriquecimento ilícito, caso o comerciante devolva quantia menor que a devida, conforme estabelece o Código Civil. Para que os alunos conseguissem entender melhor minha explicação dei o seguinte exemplo: “A regra é que o fornecedor do serviço ou comerciante sempre arredondar o valor para baixo, mesmo que o preço termine com os decimais 7, 8 e 9. Se o produto custa R\$ 1,97, ele deve ser arredondado para R\$ 1,95 ou R\$ 1,90, até chegar no troco, nunca para R\$ 2,00” falei.

Figura 4 – Lei do Troco

Tarefa 2 ilusão dos ...,99

Observe os preços de alguns produtos no supermercado:

Biscoito:	Leite:	Suco:	Geleia:
			
R\$1,99 (a unidade)	R\$2,99 (a unidade)	R\$5,99 (a unidade)	R\$10,99 (a unidade)

a) Por qual motivo esses valores não são anunciados a R\$2,00, R\$3,00, R\$6,00 e R\$11,00, respectivamente? *porque os comerciantes ganham um centavo a mais*

b) Se você fosse comprar um produto que numa loja custa R\$59,99 e na outra loja R\$60,00, em qual loja você compraria? Por quê? *eu compraria em nenhuma está muito caro*

c) Você já parou para pensar que o troco de R\$ 0,01 é dinheiro? Comente o que você acha sobre isso. *Não, nunca reparar, mas quando a professora me explicou fiquei chocado.*

Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

Disponível em: <https://lh4.googleusercontent.com/jK_K7X8iF-sPCcYdOltwtjkj4Lf5J6IZ_CTC1whbKRkKyZSkN4Hk_4ADHpQDVZVZkVJ9Ewt6xlRz-1IMu8_jpSLnSdTlQRjot9-94rd8KPKwA9e9CjR22uD3BWJaeiRnWYcOSAvZ>

Os alunos ficaram indignados que o dono do bar da escola sempre dá troco em balas, outros que no mercado perto de suas casas tinham a mesma prática. Uma aluna expôs que não ia ficar brigando por causa de R\$ 0,01 centavo. Então proferi para toda a turma que não era brigar pelo troco de R\$ 0,01 centavo, e sim, exigir um direito seu de receber o troco. “- O comerciante está lucrando quando não devolve o troco correto” disse a eles. Vamos imaginar o seguinte aqui na turma vocês são 22 alunos e compram no bar durante 20 dias um produto que custa R\$ 1,99 e vocês pagam com uma cédula de dois reais. Mas o comerciante nunca tem R\$ 0,01 centavo para devolver para vocês. “Vamos fazer as contas quanto lucro extra ele tem quando não devolve o troco? Cálculo: R\$ 0,01 X 20 = 0,20 centavos R\$ 0,20 x 22 = 4,40 ao mês quanto ele vai lucrar? Óbvio que muitas vezes o comerciante realmente não tenha o troco, mas podemos lembrá-lo de arredondar o preço para baixo e sairmos com o troco correto.” comentei com a turma. Houve um burburinho na sala de aula de “- vou contar para minha mãe”. Após realizaram a atividade apresentada a seguir:

Objetivo da atividade: pensar nas estratégias do comércio, além de falarmos sobre o troco e a ilusão dos noventa e nove centavos. Os comerciantes e donos de empresas e supermercados anunciam os preços de seus produtos, em grande parte, a R\$...,99, com a finalidade do consumidor achar que está pagando mais barato ou para obter mais lucros, já que, na maioria das vezes, não é entregue o troco ao cliente.

Atividade Propaganda e Consumo

Essa atividade foi realizada na disciplina de artes, devido às poucas semanas que faltavam para o encerramento do estágio. Nessa tarefa os alunos puderam constatar como as propagandas influenciam para um consumo exacerbado.

Perguntei aos alunos o que eles entendiam por propaganda. A grande maioria disse que eram comerciais de televisão. “- Mas só na televisão temos propagandas?” Indaguei. “Não! Na internet também tem.” Disseram os alunos. “- E o que esses comerciais anunciam?” Perguntei a eles. Responderam que todo o tipo de coisa. “- E tem coisas que atraem vocês?” Questionei. “- Sim, e muito!” Comentaram. “- Tipo?” Perguntei. A maior parte citou jogos eletrônicos e os demais brinquedos. “- E se vocês tivessem

dinheiro, comprariam?” Responderam com uma monossílabo: “- Sim!” E complementaram: “- Ah, professora a gente vê e quer comprar”, disse o aluno. “- E vocês compram tudo que veem? perguntei. “- Não!”, exclamaram eles.

Após nossas falas escrevi no quadro a palavra – consumo - e perguntei se eles sabiam o significado dela. A maioria disse que consumo é quando compramos algo. “- Muito bom!”, disse a eles e “- O que é consumismo?” Indaguei. Silêncio por parte da turma. “- Consumismo”, falei: “é quando a gente exagera comprando toda a hora sem realmente precisar. Por exemplo: As pessoas que tem o guarda roupa cheio de roupas, mas sempre que passam por alguma loja não resistem e compram uma peça nova. Mas será que realmente precisam daquela roupa? Esse ato de comprar sem pensar é consumismo, é aquele desejo de comprar por impulso não sabendo nem como vamos pagar depois.”

Após, perguntei aos alunos: “Vocês acham que as propagandas influenciam na hora das compras?” Mais da metade da turma respondeu que sim. Perguntei então: “De que modo vocês acham que a propaganda influencia?” Um aluno, então, colocou uma experiência que teve devido a uma propaganda que ele viu na internet enquanto jogava, e que o influenciou a comprar um jogo novo. Narrou: “Eu estava jogando no meu computador então apareceu anúncio lateral (banner) falando do lançamento de um jogo novo, fiquei louco para comprar. Logo peguei todo meu dinheiro e comprei. Só que quando chegou não era como eu esperava e não achei legal. Daí não tinha mais como devolver. Decidi que não compro mais assim por impulso, por causa da propaganda vou primeiro ver se alguém tem e jogar”.

Uma das meninas também falou que estava querendo uma boneca que ela tinha visto nos vídeos de unboxing para crianças. (Unboxing é um termo em inglês que se refere ao ato de desembalar novos produtos. Fazer vídeos de unboxing se tornaram populares no Youtube a partir de 2006, sendo o primeiro vídeo a utilizar este termo, um unboxing de um Telefone Nokia E61 datado de 12 de junho de 2006 fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Unboxing> >.) Porém, argumentou ela: “- Minha mãe falou que está muito cara, mas eu disse a ela que quero muito. Vou acabar ganhando”. “- Bom”,

disse eu: “- A propaganda te conquistou”. A aluna somente confirmou com a cabeça. Algumas das outras colegas entraram na conversa dizendo que a boneca era um sonho que elas também gostariam de comprar, mas não tinham dinheiro.

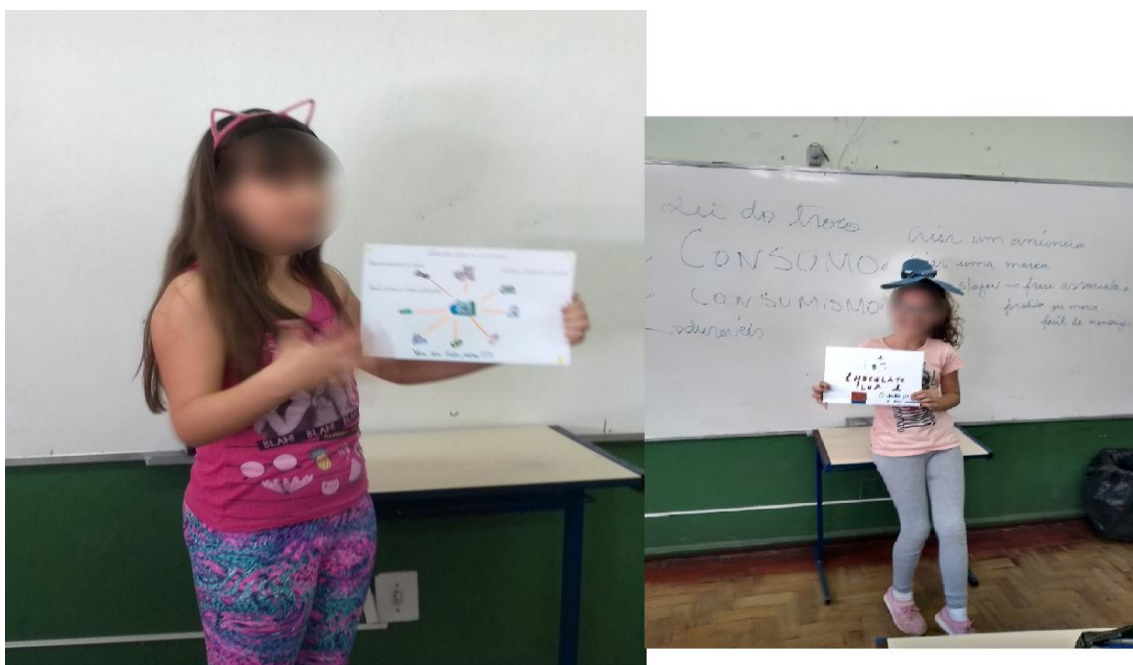
Cabe ressaltar que essas meninas que compartilham desse mesmo desejo pela boneca têm aproximadamente onze anos de idade. Disse a elas: “- Então vocês concordam que a propaganda consegue convencer as pessoas a comprar?” Todos responderam que sim. Argumentei que não há nenhum problema em fazer compras, quando conseguimos comprar o que realmente é necessário. Também podemos cometer alguma extravagância, que fuja do nosso orçamento, mas para isso precisamos aprender a pesquisar os melhores preços e pensar se essa compra mais tarde não vai afetar nossas finanças.

Depois perguntei a eles se sabiam o que era Slogan. Como não houve respostas, continuei: “- Slogan é uma frase associada a um produto ou marca, exemplo: qual é o slogan do McDonald's? Quem lembra?” “- Amo muito tudo isso”. Isso mesmo, respondi. “- Slogan são palavras ou frases fáceis de memorizar, pega que nem o refrão da música que vocês mais gostam e acaba despertando simpatia pela marca ou pelo produto anunciado”. Depois das discussões e intervenções, nas quais fizemos uma pequena análise dos recursos usados nas propagandas para atingir suas metas, no caso a venda do produto. Foi proposto aos alunos que criassem seu próprio anúncio, se possível de algo ainda que não existisse. Usei como exemplo um tênis voador. Para isso, deveriam criar uma marca para o produto, ilustrá-lo e elaborar um texto (curto, convincente e criativo) para divulgá-lo depois para os colegas.

Os alunos gostaram muito dessa atividade, principalmente por poderem criar livremente seus anúncios. Perguntavam uns aos outros se suas frases para apresentação do produto estavam boas, pois, ao final da aula, teriam que vender e defender seu produto diante dos colegas. O término da atividade foi inusitado, uma vez que os alunos se esforçaram muito para vender seu produto e valia de tudo para conseguir um comprador. Algumas falas dos alunos diante a apresentação dos colegas: “- Uau! Quero esse!” As risadas eram constantes porque os alunos realmente se empenharam para

apresentar e agradar o consumidor final. Para isso dançaram, inventaram versos e fizeram performances teatrais. Após toda a atividade expliquei aos alunos que os anúncios são a arte de convencer e seduzir para consumirmos muitas vezes aquilo que não precisamos. Perguntei se tinham conseguido perceber quanto a publicidade envolve o consumidor para conseguir convencê-lo a comprar, se tinham observado isso na reação dos colegas enquanto vendiam seu produto.

Figura 5 – Consumo e consumismo



Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

As discussões após a atividade foram interessantes, pois os alunos se deram conta de que existe um objetivo nas propagandas que é fazê-los consumir. Alguns alunos colocaram que não tem como fugir da influência dos comerciais, mas outros rebateram

que se poderia tentar amenizar a situação, não comprando tudo o que elas incentivam a consumir.

Essa atividade conseguiu parcialmente atingir seu objetivo. Para que realmente tivesse uma repercussão maior, os pais dos mesmos deveriam ter sido envolvidos, de alguma forma nessa atividade, pois, a maioria da vezes as crianças influenciam nas decisões das compras. Cito apenas um exemplo: Uma das estratégias nos supermercados é deixar os produtos mais consumidos e pedidos pelas crianças em prateleiras mais baixas e bem visíveis. Isso leva a criança a usar aquela frase “- Compra para mim, pai?” Isto despedaça o coração de qualquer pai, levando-o a comprar. Não é que não se possa comprar uma coisa para seu filho quando ele pede, e sim ter o cuidado de não fazer disso um hábito. Eles não têm essa noção do valor das coisas. Cabe ao adulto ensiná-las sobre prioridades e concessões. O público jovem e crianças são um alvo fácil devido a compulsividade para as compras. Geram lucratividade às empresas. Nesse caso cabe aos pais e à escola orientá-los que não podem/devem consumir tudo o que é lhes apresentado.

Atividade Feira de Escambo

A atividade, adaptada Livro do professor Educação Financeiras nas Escolas Livro 4- 4o ano de escolaridade <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/ef-livro-4/>>, foi uma das mais proveitosas, pois os alunos interagiram intensamente uns com os outros para poderem negociar seus objetos. Iniciamos essa aula retomando o que tínhamos conversado sobre a história do dinheiro. Um dos alunos começou narrando: “- Eu lembro que antes de existir o dinheiro as pessoas realizavam trocas e que ao longo do tempo, surgiram as pedras preciosas e, então, a moeda, está tudo no livro que a senhora deu para gente”. “- Muito bom”, disse eu. “- Escambo”, falei, “- é uma atividade que envolve trocas de mercadorias por outros produtos sem envolver dinheiro.”

A troca dos objetos realizou-se dessa maneira: Quase todos os alunos trouxeram para a classe algum objeto para troca. Dois alunos não participaram porque esqueceram que a atividade seria naquele dia e ficaram bem chateados. Primeiramente, lembramo-nos das regras que já tinham sido estipuladas anteriormente. Seguem as

regras: (i) Trocou está trocado, não vale se arrepender e pedir de volta; (ii) Podem haver quantas trocas quiserem entre si, desde que respeitem a primeira regra; (iii) O objeto para troca não pode estar quebrado, rasgado ou sujo.

Após organizamos as classes bem no meio da sala para que os objetos pudessem ser expostos, iniciamos a feira de reaproveitamento. Foi um momento que se oportunizou a socialização e argumentação, pois para poder trocar era necessário negociar (fiquei apenas observando para poder intervir, caso ocorresse algum conflito nas negociações).

Falas de alguns alunos:

Aluna A: “Eu trouxe essas canetas aqui, quer trocar pela tiara?”

Resposta da aluna B para A: “Essas canetas estão funcionando?”

Resposta aluna A: “Claro, tu acha que eu ia trocar se não estivesse?”

Resposta aluna B para A: “Então troco, estava precisando de umas canetinhas.”

Aluno C: “Quer trocar um dos teus bonecos por uma caneca?”

Resposta aluno D para C: “Olha só, meu boneco vale mais que uma caneca.”

Resposta aluno C para D: “Então quem sabe uma caneca e um baralho?”

Resposta aluno D para C: “Troco”.

Na sociedade de consumo onde a maioria das coisas é esquecida ou descartada por outras novas, a feira de reaproveitamento torna-se uma saída para quem quer pensar de modo mais sustentável. É uma forma dos alunos pensarem sobre consumo consciente, em vez jogar no lixo ou deixar estragando. Por que não trocar? Por que não desapegar? Quando reaproveitamos contribuimos para preservação da natureza, produzindo menos lixo.

Além disso, pela expressão de satisfação dos alunos, trocar é bem divertido e sempre tem alguém querendo trocar alguma coisa por outra.

Figura 6 – Feira de Escambo

Atividade Os Cincos Rs do Consumo Consciente

Nessa atividade iniciamos trabalhando com vários vídeos todos eles relacionados ao consumo consciente e os cinco “Rs” da educação ambiental, conforme a lista dos vídeos assistidos:

De onde vem para onde vai a garrafa pet? Instituto Akatu, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nSKrpFrpzH4>>

De onde vem para onde vai as sacolas plásticas? Instituto Akatu, disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=AXriWrJL0bw>>

De onde vem para onde vai o celular? Instituto Akatu, disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=NU51FqioTp4>>

Fique sabendo - 5Rs da educação ambiental - TV Escola, disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=LKJM3DCmraM>>

SLOW FOOD - Um movimento pela preservação ambiental - Menos um lixo, disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=HJ7UmqNhaEY&t=3s>>

Após assistirmos os vídeos iniciamos a aula conversando sobre reciclagem.

Perguntei a eles: “- Quando vocês comem alguma coisa e depois vão jogar a embalagem fora, vocês cuidam em que tipo de lixo vocês devem jogar a embalagem?” A grande maioria respondeu que não, nunca cuidava onde atirava o lixo. Continuei perguntando: “- Vocês sabem separar o lixo orgânico, do lixo seco?”. Toda turma respondeu que sim. Indaguei: “- Então porque vocês não fazem isso aqui na sala de aula? Vocês misturam todo o lixo”, comentei. Os alunos responderam que nem se davam conta disso. Continuei a aula perguntando: “- Vocês sabem o que é reciclar?” Responderam que sim. Logo perguntei: “- O que é reciclar?” Os alunos responderam que era separar o lixo que poderia ser aproveitado do que não poderia. Perguntei: “- Que tipo de lixo dá para se aproveitar?” Eles responderam papel. “- E o que não dá para aproveitar?” questionei. Disseram: “- Chiclete, guardanapo”. “- Engraçado”, comentei, “- vocês sabem disso e não fazem o descarte correto desse material, porquê?” Obtive as seguintes respostas dos alunos: “- Não sei!”, “- Porque ninguém faz, nem as professoras!”, “- Eu joga o lixo na lixeira, mas cai na outra.”, “- Eu joga correndo quando passo pelas lixeiras, nem vejo onde caiu”.

Continuei conversando com a turma: “- Vocês têm ideia de como é importante a reciclagem para a preservação da natureza?” Todos disseram que sim. “- E consumo sustentável”. Perguntei: “- vocês sabem o que é?”. Ninguém respondeu nada.

Coloquei então que consumo sustentável são práticas que temos que ter ao adquirir produtos e serviços que visem a diminuir os impactos na natureza. Por exemplo, o vídeo das sacolas plásticas que assistimos e o mal que elas podem causar ao meio ambiente. Podemos mudar isso utilizando outros tipos de sacolas que não causem impacto ao ecossistema. Quando optamos pelo de outro tipo de sacola como a de pano ou a de palha, estamos praticando consumo sustentável e ajudando a preservar a natureza. Então perguntei aos alunos: “- O que a educação financeira tem a ver com o consumo sustentável?” Respondi: “- Tem a ver com a forma como consumimos, gastamos, reaproveitamos e cuidamos do planeta”. Indaguei: “- Vocês sabem o que é consumo consciente?” “- Consumo consciente é a mudança de hábitos para evitar o desperdício e adquirir produtos e serviços que não prejudiquem a sociedade e o nosso planeta”. É optar por apagar a luz quando se sai de um lugar, é economizar papel, é optar por produtos recicláveis para não degradarmos o meio ambiente, é fechar a torneira para não desperdiçar a água.

A partir dos debates que foram feitos em sala de aula partimos para as atividades. A primeira atividade foi organizar uma lixoteca na escola. Essa atividade foi realizada em casa devido ao pouco tempo que tínhamos. Os alunos poderiam fazer uma pesquisa e escolher que tipo de objeto ou brinquedo para confeccionar utilizando material reciclável que tivessem em casa. Algumas sugestões dadas aos alunos: um “vai e vem”, um “robô” (feito com latinhas, caixa de sapato, peças usadas de computador ou telefone, antenas e cabos), um “cai não cai” (de garrafa pet) e um planador com prendedor.

A partir dos debates que foram feitos em sala de aula partimos para as atividades. A primeira atividade foi organizar uma lixoteca na escola. Essa atividade foi realizada em casa devido ao pouco tempo que tínhamos. Os alunos poderiam fazer uma pesquisa e escolher que tipo de objeto ou brinquedo para confeccionar utilizando material reciclável que tivessem em casa. Algumas sugestões dadas aos alunos: um “vai e vem”, um

“robô” (feito com latinhas, caixa de sapato, peças usadas de computador ou telefone, antenas e cabos), um “cai não cai” (de garrafa pet) e um planador com prendedor.

Figura 7 – Consumo consciente



Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

A partir dos debates que foram feitos em sala de aula partimos para as atividades. A primeira atividade foi organizar uma lixoteca na escola. Essa atividade foi realizada em casa devido ao pouco tempo que tínhamos. Os alunos poderiam fazer uma pesquisa e escolher que tipo de objeto ou brinquedo para confeccionar utilizando material reciclável que tivessem em casa. Algumas sugestões dadas aos alunos: um “vai e vem”, um “robô” (feito com latinhas, caixa de sapato, peças usadas de computador ou telefone, antenas e cabos), um “cai não cai” (de garrafa pet) e um planador com prendedor.

O objetivo da lixoteca é mostrar aos alunos a importância da sustentabilidade, além de despertar a criatividade na produção de objetos e brinquedos que podem ser feitos através da reciclagem .

Nas demais atividades a turma foi dividida em grupos e cada um ficou com a tarefa de produzir um cartaz sobre um determinado assunto para expor na lixoteca .

Grupo 1: O que são os 5Rs na Educação ambiental?

Os cinco Rs - repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar fazem parte de um processo educativo que tem por objetivo uma mudança de hábitos no cotidiano dos cidadãos. A questão-chave é levar o cidadão a repensar seus valores e práticas, reduzindo o consumo exagerado e o desperdício.

Grupo 2: Exemplos de Práticas sustentáveis

O consumo sustentável é um conjunto de práticas relacionadas à aquisição de produtos e serviços que visam diminuir ou até mesmo eliminar os impactos ao meio ambiente. São atitudes positivas que preservam os recursos naturais, mantendo o equilíbrio ecológico em nosso planeta, exemplos :fechar a torneira quando escova os dentes, não deixe lâmpadas acesas em ambientes desocupados, aproveite o verso das folhas de papel já usadas.

Grupo 3: Consumidor Consciente

Consumidor consciente é aquele que pensa na sustentabilidade antes de comprar produtos que possam agredir o meio ambiente e posteriormente na hora de descartar as embalagens. Os alunos na confecção desse cartaz reproduziram um teste aplicado no Instituto Akatu no qual se pergunta: *Que tipo de consumidor você é?* Com as

alternativas dependendo das respostas do leitor: Indiferente, Iniciante, Engajado ou Consciente. Algumas perguntas do teste: *Evita deixar lâmpadas acesas em ambientes desocupados? Em sua casa, separa o lixo para a reciclagem ou, mesmo não havendo coleta seletiva, procura encaminhar para a reciclagem tudo o que for possível? Costuma ler atentamente os rótulos antes de decidir uma compra? Procuro passar ao maior número possível de pessoas as informações que aprendo sobre empresas e produtos?*

Grupo 4: O que é reciclagem?

Nesse último grupo os alunos deveriam dar a definição do que é a reciclagem e dar exemplos da decomposição de alguns materiais. Além de destacar o papel fundamental do catador de lixo na reciclagem. Os alunos nessas atividades mostraram-se organizados e muito empenhados na realização das mesmas, pois foram tarefas na qual puderam conhecer um pouco mais sobre consumo consciente.

Atividade Palestra do Banco do Brasil

Primeiramente contatei o Banco Central para que pudesse me ajudar a encerrar o projeto com alguma atividade que retirasse os alunos da sala de aula e trouxesse uma fala diferente da minha, pois quando se tenta trazer inovações para sala de aula isso possibilita uma melhoria na aprendizagem. Sempre é preciso intervenções diferentes para que os alunos sintam-se motivados e interessados em aprender, dessa maneira se consegue envolvê-los nas ações, provocando-os a investigar e argumentar sobre o que estão aprendendo.

Assim, a Instituição me repassou para o Banco do Brasil, o qual se mostrou muito interessado em querer me ajudar, mesmo sem nunca ter feito esse tipo de atividade, pois ninguém havia pedido. Assim, começamos a trocar e-mails e me pediram ajuda para montar a palestra. Que tipo de público, qual escola, quantos alunos, quais conteúdos eu já havia trabalhado, como pensava a abordagem e qual a faixa etária dos alunos. Repassei os conteúdos que já vinha abordando com os alunos em sala de aula e outros que estaria introduzindo até a data da palestra. O objetivo da palestra era promover a educação financeira de forma que essa pudesse começar a fazer parte do cotidiano dos alunos e que essas informações fossem relevantes para sua vida futura.

A apresentação foi realizada na sala de vídeo, a organização da sala foi feita pelos palestrantes, pois queriam ajustar seus equipamentos. Assistiram à palestra vinte e dois alunos e alguns pais, além de mim. Os palestrantes se utilizaram de uma linguagem lúdica para explicar aos alunos assuntos relacionados à educação financeira. Através de slides e uma conversa descontraída, conseguiram prender a atenção dos alunos por aproximadamente quarenta e cinco minutos. Partindo do conhecimento que os alunos já tinham sobre o tema, iam fazendo perguntas e respondendo aos questionamentos dos alunos. Algumas intervenções dos alunos: “- Por que é importante economizar? Como funciona o cartão de crédito? Por que uns tem mais dinheiro do que outros? (refere-se aqui a limite do cartão) O que são finanças pessoais?”, entre outras.

A apresentação se iniciou com os palestrantes perguntando o que é dinheiro aos alunos e para o que serve. Depois sobre desejos versus necessidades, gastos pessoais com sua mesada ou com o dinheiro que ganha. Continuaram falando sobre diferença entre caderneta de poupança e poupança.

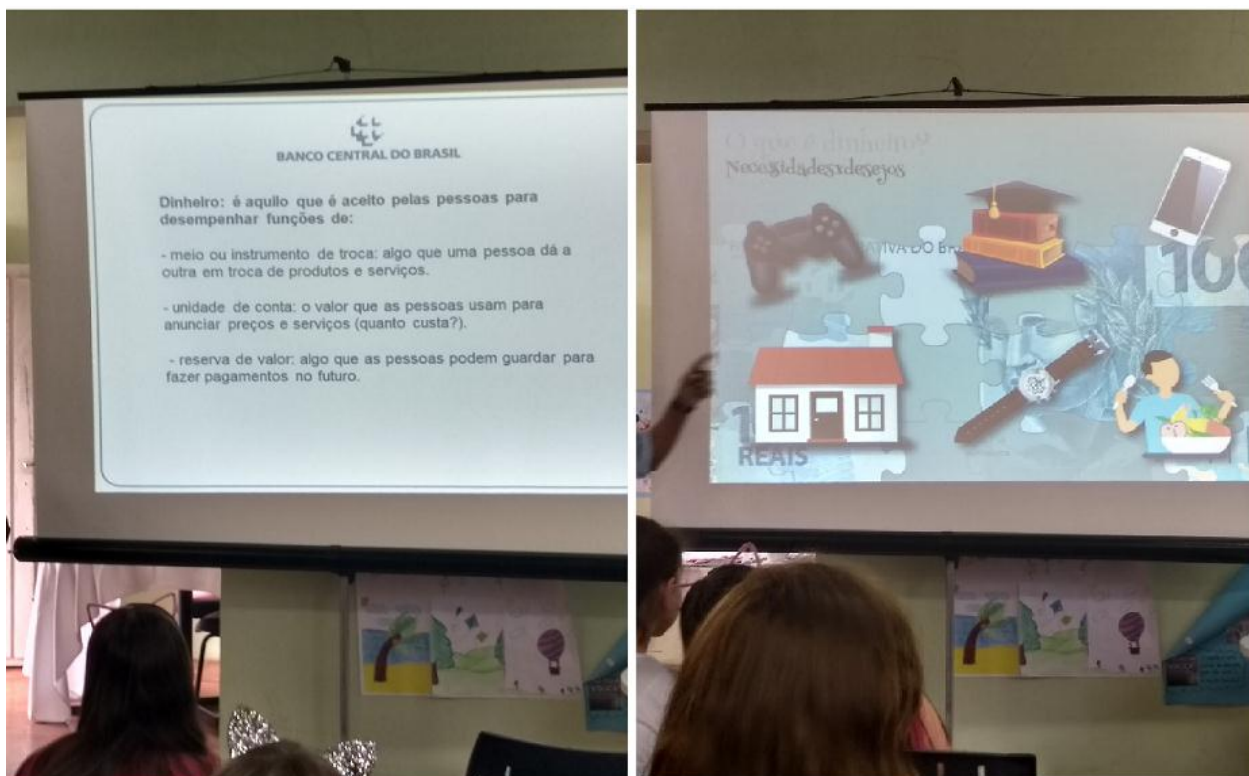
Também falaram sobre a história do dinheiro até nosso atual sistema monetário, como transformar sonho em realidade, explicaram o que era juros e despesas, por último como identificar se o dinheiro é falso. Essa última atividade foi com prática, os administradores entregaram a cada aluno uma cédula e perguntaram se eles sabiam identificar se a nota era verdadeira ou falsa. Os alunos disseram que não sabiam identificar. Então começaram a explicar os itens de segurança presentes nas cédulas.

Enquanto explicavam os alunos interromperam para perguntar sobre os animais estampados nas cédulas. Segundo os palestrantes os animais nas cédulas seria uma forma de divulgar nossa fauna que é rica em biodiversidade.

Esclareceram também o que se deve fazer com cédulas inadequadas à circulação (rasgadas, sujas ou desenhadas). Perguntaram aos alunos se eles já haviam pegado algum dinheiro sujo, escrito ou rasgado. A grande maioria respondeu que sim, que já havia recebido notas nesse estado. “- E o que vocês fizeram com esse dinheiro?” Perguntaram os palestrantes. Alguns disseram que entregavam aos pais, outros trocaram no bar da escola e uma minoria não respondeu nada. “- Pois saibam”, disse um dos

palestrantes, “- dependendo do estado das cédulas, elas podem ou não ter valor.” As cédulas, segundo o Banco Central, sem valor são aquelas mutiladas porque não apresentam um fragmento com mais da metade do seu tamanho original, como por exemplo, disseram eles: “- Cédula rasgada, cortada, danificada pelo fogo ou danificada por traça, cupim ou agente químico.” Em seguida mostrou um modelo de uma cédula fragmentada.

Figura 8 – Bancários e Educação Financeira



Fonte: Montagem de fotos de Arquivo Pessoal Registro de Produções de alunos, 2018.

Por último, falaram sobre não guardar moedas em casa. Nesse momento os alunos colocaram que já sabiam o que a professora já tinha explicado. Então, um dos palestrantes perguntou: “- Porque não se guarda as moedas em casa?”. Alguns responderam primeiramente porque isso leva a faltar dinheiro para o troco ,outros porque elas vão sumir de circulação e os demais porque sai caro fazer moedas para

colocar em circulação e também tem a questão ambiental, já que é preciso mais minério. “- Muito bem”, disseram os palestrantes. “- Moeda tem que circular. Quando o governo precisa cunhar novas moedas gera custos (energia, água, mão-de-obra) e quem paga essas despesas somos nós, contribuintes, então, o certo é sempre que possível, trocar essas moedas por nota”.

Dessa maneira, encerrou-se a apresentação com os palestrantes elogiando a participação da turma e a iniciativa de se trabalhar com educação financeira na escola e sua relevância para a comunidade escolar .

3.5 DAS PERCEPÇÕES E DOS EFEITOS

Trabalhar educação financeira em sala de aula é mais que trabalhar relações com o dinheiro. Mas, é propor aos alunos mudanças em seu cotidiano. Uma vez que as discussões levaram ao pensar e refletir criticamente sobre as tarefas e a respeito dos assuntos colocados em pauta, durante a realização da proposta. A educação financeira preconiza a preparação do aluno para uma vida mais reflexiva sobre seu papel na sociedade, um cidadão consciente dos problemas sociais e ambientais que rodeiam e constituem parte da comunidade .

As atividades, mesmo que parcialmente, conseguiram fazer com que os alunos pensassem a diferença entre o precisar e o querer ou o necessário e o supérfluo. Entre o economizar hoje e realizar um desejo amanhã. Foi significativo o envolvimento dos alunos nas atividades, além de observar suas pequenas mudanças no decorrer do projeto em suas formas de pensar e agir. O projeto despertou a discussão entre os alunos a respeito do consumo consciente ,porém em um nível ainda superficial. Para que realmente haja um envolvimento em longo prazo e vire um hábito, precisa se dar continuidade a esses debates, em sala de aula.

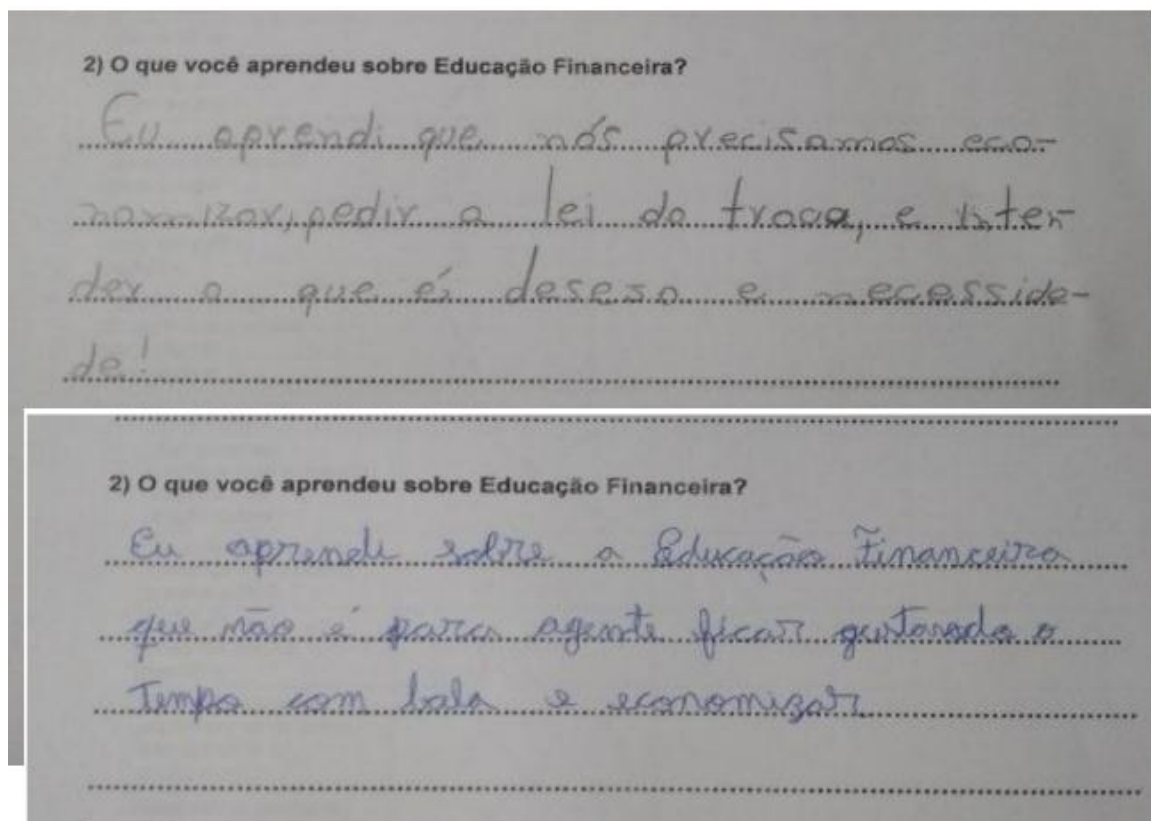
As propostas desenvolvidas contribuíram para despertar nos alunos uma consciência crítica, ainda que incipiente, para que pudesse identificar a influência da

propaganda na hora da compra, pois estas criam a ideia da necessidade que levam à prática de consumos, tendo como base a promessa segundo Zygmunt Bauman, (2007, p. 63) de satisfazer os desejos humanos .

As atividades mostraram também que os alunos tinham conhecimento prévio sobre alguns conceitos como débito e crédito, saldo e cheque, apesar deste último nunca terem pegado ou terem visto o seu preenchimento. Narram que conheciam os termos devido ao escutar seus familiares fazendo uso dos mesmos. Percebo que eles sabem a diferença entre débito e crédito, assim como também conseguiram enxergar a diferença entre receita e despesa, por suas falas quando colocam “- se uma pessoa tem mais despesa que receita ela está gastando demais.” Chamam de receita o salário ou mesada que elas têm e despesas seus gastos. Também sobre o conceito de poupança já conheciam o termo, mas não sabiam que poupança era um investimento para guardar reservas financeiras para ser utilizado em um momento futuro .

Dessa maneira, concluo que poderia ter trabalhando alguns outros conceitos, como juros e rendimento, usando outras estratégias, lúdicas, que agora começam a me ocorrer, montar outras atividades, repensar as atividades dadas. Deveria ter optado por menos atividades e explorado algumas um pouco mais. Mas pela falta de experiência, minhas limitações ,em relação ao tema, um tanto desafiador, e sendo trabalhado com crianças num tempo reduzido, faltou-me talvez observar mais as situações em sala de aula criadas pelas atividades. Porém o importante é dizer que tentei organizar as tarefas de modo a que pudesse despertar uma proposta nova para os alunos objetivando atingi-los com novas aprendizagens, tendo como influência a nova base de ensino. Mas, as tarefas foram significativas no momento em que observamos as participações do grupo e suas mudanças de atitudes, mesmo que ainda pequenas.

Efeitos Educação Financeira



Fonte: Montagem de textos de Arquivo Pessoal - Registro de Produções de alunos, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reverendo minha trajetória no desenrolar desse projeto concluo que estudar educação financeira contribui para uma relação mais equilibrada entre o indivíduo e o seu dinheiro. Exemplo: Entender seu extrato bancário permite ao indivíduo acompanhar os lançamentos realizados e checar as cobranças dos demonstrativos realizadas pelos bancos. Infelizmente muitas vezes por falta de informação e desconhecimento das siglas, cobranças indevidas são realizadas, causando algum prejuízo ao cliente. E, se esse não tiver o hábito de sempre verificar seu extrato bancário, não será estornado esse valor a

mais. Conhecer o valor das tarifas cobradas pela instituição bancária também ajuda no controle. De mais a mais pode também começar a conhecer os produtos que os bancos tentam lhe vender a qualquer custo, sem que se precise deles. Além disso, a educação financeira pode auxiliar o sujeito a entender de investimentos podendo levá-lo a ser um conhecedor das estratégias do mercado de capitais, como comprar e vender ações.

Existe uma lista extensa sobre os discursos que levam o porquê aprender educação financeira. E todos esses discursos demonstram a preocupação sobre o nível de conhecimentos das pessoas sobre o tema, pois sem conhecimento como essas pessoas vão ser capazes de gerir suas finanças pessoais? Realmente, existem fatores positivos para que se conheça o tema e que esse se perpetue na sociedade, assim como nas escolas. Uma vez que indivíduos assumam um maior nível de conhecimento sobre seus gastos podem vir alcançar uma melhor qualidade de vida. Além disso, uma família financeiramente mais educada contribui para que não ocorram situações não desejadas de endividamento. Assim, os alunos e alunas tem mais acesso aos produtos financeiros e aos investimentos, sabem aplicar seu dinheiro e conseguem mover a economia.

Fomenta-se também na educação financeira a apresentação do consumo consciente, estratégias que buscam o consumo solidário, mais sustentável a fim de ajudar o meio ambiente. Busca-se a ideia da tecnologia limpa, temas de sustentabilidade e preservação ambiental, com empresas mais voltadas à preservação da biodiversidade do planeta e contra o trabalho escravo contemporâneo.

A educação financeira consegue ser necessária para legitimar as decisões em relação aos assuntos financeiros, porém a outros fatores que podem contribuir para o desequilíbrio nas finanças, como os emocionais que interferem no comportamento das pessoas e que muitas vezes não conseguem ser erradicados pela educação.

Outro ponto trazido pela educação financeira é o hábito de poupar, sendo que a maioria das famílias não tem essa prática. A educação financeira afirma: consumidores educados financeiramente estão mais propensos a reavaliar seus gastos e a consumir de forma mais consciente e a poupar. Porém, talvez se possa questionar: quem é o poupador que consegue economizar recebendo um salário mínimo ou mal empregado? Quem tem

sobra de renda para que conseguir economizar? Será que as famílias realmente não economizam porque tem não tendência à poupança ou porque o salário pago não chega para suprir a todas as necessidades básicas, e que existe uma sociedade muito desigual em distribuição de renda e riquezas? Poupar é difícil e requer muito esforço diante da onomania que assola toda a sociedade. Isso fica claro durante as discussões em sala de aula com os alunos. Quando os discentes não conseguem conter a vontade de comer doces, principalmente sabendo que estão ali tão perto, no bar da escola. Não conseguem abrir mão de não gastar seu dinheiro em guloseimas, tornando o imediatismo um hábito, por vezes um vício. É difícil também romper com certos comportamentos, são muitas variáveis para serem discutidas sobre o investimento poupança.

Na educação financeira obtêm-se resultados, mas precisam estar aliados a mudanças de comportamento com relação não somente ao uso do dinheiro mais a hábitos e costumes. Olhar somente para nosso orçamento pessoal e aprendermos como deixá-lo equilibrado não é suficiente, pois, é necessário entender o ser e estar no mundo e dividi-lo com o outro, fazer parte de uma cadeia gigantesca de conexões, na qual os indivíduos devem ser preparados e conscientizados para um desenvolvimento sustentável do planeta. A Educação Financeira admite essa sinuosidade ao permitir que possamos discutir sobre finanças pessoais (cálculos) e a preocupação com o meio ambiente através da sustentabilidade, compulsividade, consumismo perante a uma sociedade que consome cada vez mais os recursos da natureza, sem prestar a atenção.

As atividades realizadas pelos alunos produziram conhecimentos sobre educação financeira, e foi muito interessante conversar com os estudantes sobre determinados assuntos dos quais alguns tinham alguma noção e outros não. Os alunos mostraram ter gostado das atividades e consideraram relevantes os assuntos, pois começaram mesmo de maneira acanhada a prestar mais atenção às propagandas e como essas influenciam em suas decisões na hora das compras. Assim como gastavam sua mesada ou dinheiro que recebiam, em coisas supérfluas. Eles mesmos chegaram à conclusão que gastavam tudo de uma vez. A mesada ou dinheiro que lhes seja dado é uma forma de contribuir para a educação econômica dos filhos, mas deve se ensinar a

administrar. Os pais podem e/ou devem orientar os filhos sobre como gastar e quando gastar. Porém, não deve servir como forma de recompensa por uma tarefa o que é de sua responsabilidade, exemplo: retirar o lixo. Boa parte dos alunos que ganhava mesada não recebia nenhum tipo de orientação.

O processo de ensinar educação financeira é longo, necessitando ter continuidade. Apesar das atividades terem sido bem recebidas pelos alunos e entendidas, trazendo realidades do seu cotidiano nas discussões, não é suficiente. Ainda que achassem os temas relevantes alguns não mudaram seus hábitos. É preciso que as falas sobre educação financeira saiam da escola e cheguem até as famílias, porque muitos em casa não falam sobre o assunto. Muitos adultos acham o tema importante, mas não mudam suas relações de consumo e comportamento. Por isso, o tema deve continuar sendo trabalhado para que surja efeito.

Tenho que tecer aqui uma pequena fala sobre alguns aspectos que me chamam atenção na educação financeira, em momento algum nos discursos de qualquer instituição visa a você não gastar, e sim a educá-lo numa percepção de direcioná-lo a entender sobre investimentos. Além de haver uma preocupação ligada visivelmente a uma poupança previdenciária, argumento do Ministro da Economia Paulo Guedes para aprovar a Reforma da Previdência que afirma que cabe ao indivíduo planejar suas ações em longo prazo, deixando de depender do Estado e assim, garantir seu futuro com a capitalização. Além disso, será que um cidadão bem educado financeiramente consegue gerir seus recursos e passar incólume a sociedade do consumo? O que os mercados financeiros visam ao incentivarem programas de educação financeira? Apesar dessas falas concluo que a educação financeira é importante, porém não pode ser vista apenas como mercadoria objetivando lucros para um sistema capitalista. O bem comum, a justa medida, a sustentabilidade necessária e o consumo solidário e responsável, são as instâncias propostas por Leonardo Boff e como escreveu Paulo Freire *a educação liberta ... a educação progressista conscientiza criticamente ... é emancipatória.*

Assim, dentro desse contexto acho que consegui parcialmente responder aos objetivos propostos neste trabalho. Não tenho a pretensão de dizer que o trabalho foi concluído, o considero feito.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt (2007)

BOALER, Jo; MUNSON, Jen, WILLIAMS, Cathy. Mentalidades Matemáticas na Sala de Aula: Ensino Fundamental. Penso, 2018. eBook Kindle. Disponível em: <<https://www.livrariapublica.com.br/2019/05/mentalidades-matematicas-na-sala-de-aula.html>> Acesso em: 10 jun 2018.

BOFF, Leonardo. /tica e Ecologia Desafios para o SÉC. XXI. Filme. 2010. Disponível em: <<https://earthinourhands.wordpress.com/2011/02/25/leonardo-boff-etica-e-ecologia-desafios-do-seculo-xxi/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

CONEF

ENAF

ENEF

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KAMII, (1986, p. 120)

MORIN, Edgar.

OCDE, 2005.

PADILHA, 2016.

TRIVIÑOS, A.N.S. Bases Teórico- Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Ideias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Cadernos de Pesquisa Ritter do Reis. Vol. IV. 3 ed. Porto Alegre: Faculdade Integrada Ritter dos Reis, 2010.

WILLINGHAN, Daniel T. (2009)